

LITERATURA MUNDIAL E ESTUDO DE PAULO COELHO: EFEITOS NO CAMPO E ALÉM DO CAMPO BRASILEIRO¹

Elias J. Torres Feijó

Grupo Galabra

Universidade de Santiago de Compostela

Abstract: The scope of this paper is to discuss some aspects concerning the wide concepts of “world literature” and world literary field as well as their eventual innovative features in the conceptual framework of the Literary Studies. I examine questions related to the different canons at work and the role and consideration of translation, in this case, for the Brazilian Literature. At the same time, I make some considerations regarding the position of Paulo Coelho in the context of academic research compared with his actual impact both inside and outside the literary field (social spaces and the movement or attraction of people towards places) suggesting that it is not accurate to talk about Brazilian literature in the framework of the world literature (in any of its conceivable dimensions) if both the work of Paulo Coelho and the challenges for research on the international projection of Brazilian literature and culture of studying his trajectory are excluded, for biased reasons as the small symbolic credit that taking Coelho as a case study grants for scholars.

Keywords: World and Brazilian literature; literary field effects; translation; Paulo Coelho; legitimacies.

Resumo: O presente trabalho pretende problematizar alguns aspectos relativos ao conceito amplo de “literatura mundial”, campo literário mundial e o seu eventual caráter de novo quadro conceitual no âmbito do estudo da literatura. Nele, são examinadas questões relativas aos diversos cânones em jogo e ao papel e consideração da tradução, no caso da literatura brasileira. É realizada igualmente uma aproximação concreta à posição de Paulo Coelho no quadro da pesquisa acadêmica, comparada com o seu eventual impacto, tanto no campo como fora do campo literário (em espaços sociais e no movimento ou atração de pessoas a espaços) para formular a sugestão de não ser correto falar da literatura brasileira no quadro da literatura mundial (em qualquer das dimensões que se considerarem) caso se exclua (por razões preconceituosas ou de poucos créditos simbólicos para quem pesquisa, via de regra) a obra de Coelho e dos desafios que a sua trajetória coloca para investigações na literatura e na cultura brasileiras na sua projeção exterior.

¹ O presente texto faz parte do projeto *Discursos, imagens e práticas culturais sobre Santiago de Compostela como meta dos caminhos de Santiago*, parcialmente subsidiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad espanhol com referência FFI2012-35521.

Palavras-chave: Literatura mundial e brasileira; efeitos do campo literário; tradução, Paulo Coelho, legitimidades.

1 Literatura mundial, reorientações dos estudos literários em quadros supranacionais e globais: efeito de campo sublimador no âmbito dos estudos literários ou avanço real?

Como sabemos, as questões da denominada “literatura mundial” ocupam parte da agenda investigadora e da atenção crescente de acadêmic@s particularmente desde os inícios da década de 2000. Em âmbitos como o europeu esse interesse foi suscitado por várias vias e há alguns marcos consensuais não tanto de início como de referência (Domínguez, 2012), nos trabalhos de Pascale Casanova (1999) e, no âmbito estadunidense, os trabalhos de Moretti (2000; mas já 1994), Damrosch (2003); e deve ser considerado, *The Western Canon* de Harold Bloom (1994). É verdade que, nesse último caso, não havia um objetivo explícito de formulação da “literatura mundial” como objeto, mas, de vários pontos de vista, ele converge com as outras obras citadas. Elas convergem em focos (não em focalizações), convergem em corpus, convergem no tempo (um tempo oportuno para essa formulação, como tentarei mostrar) e convergem na consideração da existência de elementos específicos de valor literário intrínseco (supranacional ou, melhor, suprassistêmico; vide Torres Feijó, 2004a, para questões sobre o sistêmico e o nacional) a respeito das obras e autores considerados. Não é esse um assunto menor, por duas razões: mesmo que com raiz sociológica, o trabalho de Casanova apresenta como matriz a produção de valor através do juízo subjetivo (o de Bloom é sistematicamente explícito nesse sentido), atendendo ao conceito de literariedade como essencial na consideração da obra literária (1999: 33-37²); e essa apreciação

² A obra de Casanova é exemplo da dominância duma visão alegadamente legítima (não legitimada) e exclusiva por pretensamente autônoma, que se estende mesmo a análises que pretendem explicar o caráter radicalmente histórico e construído dos processos; de como, suspendendo em ocasiões a existência de mecanismos de mercado e de poder atuantes nas legitimações de autores, obras e línguas e países, se a “República Mundial das Letras” fosse regida pelo (bom) gosto e (melhor) juízo de regedores (“quelques découvreurs exceptionnels délivrés des préjugés nationalistes”) por cujo meio (e note-se o “se” impessoal) “s’est instaurée une loi littéraire internationale, un mode de reconnaissance spécifique, qui ne doit rien aux impositions, aux préjugés ou aux intérêts politiques (Casanova, 1999:24), que parecem estar carentes, precisamente, e pelo que (não) se diz, de habitus...; ou como se as organizações mesmas (a escola e os seus programas, por exemplo) não

implica a existência de assuntos e/ou formas que se manifestariam como supranacionais (agora mundiais, no seu alargamento), o qual entra em cheio nos debates atuais sobre as obras que podem atingir essa categoria de “mundiais” (isto dito de maneira sumária, naturalmente).

Para os diversos agentes dos diferentes sistemas literários no mundo, colocar-se a questão da “literatura mundial” pode responder a interesses e objetivos vários, *ad intra* e *ad extra*. A consideração da “literatura mundial” é fundamentalmente um alargamento do campo de jogo (usando-se aqui campo e jogo com plena consciência *bourdieuana*: Bourdieu, 1991), que pode permitir atingir, melhorar, conservar, defender posições e tomadas de posição a quem intervém nele, tanto no campo primário como no campo alargado; em ocasiões, até, simultaneamente; em alguma outra, também, a fronteira dos sistemas e os seus eventuais condicionamentos sendo banida: os *best sellers* atuais e os seus autores, de Dan Brown a Paulo Coelho, funcionam como *mundiais* e as normas sistêmicas (quer sejam linguísticas, de origem, identitárias, etc. Vide Torres Feijó, 2004a, para este conceito³) ficam ultrapassadas pela consideração diretamente internacional de textos e autores. O *best seller* suprassistêmico, via de regra, ao menos no mundo ocidental, funcionando (por obra da indústria cultural e do mercado editorial e do livro) em vários sistemas simultaneamente ou quase, é, na atualidade e em bastantes ocasiões, um fenómeno diretamente suprassistêmico/*mundial*, sobretudo quando se

dependessem do campo do poder. Tudo o qual manifesta uma forte crença (doxa, utilizemos a noção de Pierre Bourdieu, que seria a matriz metodológica da obra –não assim da sua plasmação, penso-) no cânone e nos processos de canonização como únicos legítimos, que a leva a falar, sem explicação e como dado adquirido de “la grandeur d'un passé littéraire national” (Casanova, 1999:28), como se, novamente, a grandeza fosse resultado dum universal ahistórico. Veja-se, para o caso brasileiro, o preciso artigo de Regina Zilberman mostrando as determinações do campo do poder (2001).

³ Entendo por normas sistêmicas os elementos que permitem delimitar os sistemas culturais, intersistemas, programas e elaborações proto-sistêmicas¹, entendendo por estas últimas as práticas que tendem à configuração dum novo sistema segregado do sistema a que se está vinculado. As normas sistêmicas (materiais ou regras repertoriais da perspectiva analítica de Even-Zohar) são critérios delimitadores que atuam como princípios básicos que se ativam nas práticas culturais dos espaços sociais, e de cuja interpretação e aceitação pela comunidade participante dependem as possibilidades e os modos de obter uso, posição e função nos sistemas culturais. As normas sistêmicas, aliás, não apenas determinam os nutrientes da estrutura do sistemas mas os modos e efeitos de serem atingidos os seus pertencentes (Torres Feijó, 2004a:429-430).

trata de obras de autores/as que atingiram celebridade e se consolidaram como tais *best sellers*.

Parece claro que os modos de funcionamento (e de entrada) no campo mundial (ou, mais precisamente, além das fronteiras sistêmicas originárias) oferece condicionamentos que se estendem igualmente à análise dos mecanismos e agentes que regulam a definição do campo.

Nesse estado de coisas, a que devemos atender quando falamos de funcionamentos de produtos culturais além fronteiras (políticas e/ou sistêmicas)? Quais os interesses de pesquisa quando falamos de literatura mundial? De que falamos quando falamos de literatura brasileira no quadro da literatura mundial (ou, ainda, de literatura brasileira como literatura mundial)?

Entendo que esta resposta não é fácil e manifesto o meu ceticismo ao surgimento duma disciplina ou (até mais modestamente) duma dimensão que não estivesse amparada polos conceitos, eurocêntricos, de Literatura Geral e Literatura Comparada (naquelas esferas que são conhecidas como “estudos literários”), e cuja gênese parece motivada pelo que eu interpreto como esclerose, endógena e exógena desses estudos (Torres Feijó, 2004b); esclerose que foi notada, ao menos no âmbito europeu, já tempo atrás quanto aos métodos e funções (Szabolcsi e Vadjá, 1993), embora eu entenda também ser preciso esperar por um desenvolvimento maior desse processo para poder fazer avaliações e juízos apurados e não apressados; à partida, mais me parece uma questão de foco (não de focalização) que de outra coisa.

Vários autores oferecem a ideia, mais precisa, de estarmos ou perante um terceiro paradigma da Literatura Comparada (Domínguez, 2012:2), que viria unir-se ao “factualista-contatológico” e ao “novo comparatismo” (Abuín, 2004) ou perante uma “subdivisão” entre Literatura Comparada e os estudos pós-coloniais, que seriam por ela complementados (Thomsen, 2008:21), e que estariam ‘certificados’ (em expressão de Domínguez, 2012:2) pelas obras de Moretti, Damrosch e Casanova (na sua versão inglesa), a que une as antologias Norton (desde as de Mack & Lawall, 1995), Longman (Damrosch et alii, 2004) e Bedford

(Davis et alii, 2004) e o fato da constituição da World Literature Association em 2011 em Beijing.

Nesse sentido, pode pensar-se, como antes indicava, que há agentes no campo dos estudos literários que estariam elaborando novos quadros de referência para conservar possibilidades de posição e impacto, ainda que as suas formulações possam portar, igualmente, elementos novos de alguma relevância, o que eu duvido. Dito a grosso modo, convém esperar o desenvolvimento dessa dimensão para sabermos se se trata de uma fuga à frente na moda que outorga posições almejadas ou se pode oferecer a determinação e a abordagem de objetos de estudos relevantes.

Cabe pensar se se trata, como também me parece, de um fenômeno que participa do que D. Kadir denomina (2012:20) “síndrome imperial de la época y su globalización como ‘Un Mundo’ o ‘Nuevo Orden Mundial’”, em que, como anota W. Mignolo (2012:29), aludindo aos trabalhos de Moretti, Casanova e Damrosch citados, “el sistema literario mundial que conforma la república de las letras no opera por sí mismo, sino que se controla desde un centro de enunciación, esto es, agentes, instituciones y categorías de pensamientos asentadas en la construcción de la civilización occidental”; se são fenômenos derivados da crise (estrutural) das denominadas *Humanidades*, beneficiados pelos processos de globalização, ou se oferecem um programa de trabalho explicativo do funcionamento (social) dessas atividades, e não uma tentativa de *salvamento acadêmico por elevação* (quer dizer, colocando o foco em posições mais alargadas para manter determinadas posições no âmbito desses estudos), até na própria definição do que seja *literatura mundial* (Santos Unamuno⁴, 2012:8).

Esse é um campo que pode ser considerado como funcionando com direito de entrada, por parte dos *scholars* a ele dedicados (por exemplo, caso se considere “mundial como sinônimo de internacional” atendendo textos e autor@s que teriam atingido essa internacionalidade – mas como medi-la?), como antes referi, ou que possa ser entendido como um âmbito alargado em que o programa de estudos seja

⁴ “su definición [da *World literature*] o su inserción disciplinar en el seno de la academia norteamericana no responden sino a guerras culturales por la hegemonía institucional” (Santos, 2012:8).

abordar formas e conteúdos ou modos de funcionamento, com independência dos impactos quantitativos ou qualitativos dos corpora selecionados.

2 Três áreas fundamentais dos estudos literários e objetivos possíveis da consideração da “literatura mundial”

A pergunta do título exige a consequência doutra: “qual o plano de estudos?” querendo apontar, então, vários sentidos: quais os objetivos e o desenvolvimento dessa nova dimensão, se ela realmente é nova? E qual os objetivos de quem a impulsiona? E, concretizada ao caso particular de uma literatura, aqui a brasileira, qual o plano de pesquisa que se quer colocar (com o implícito de que, talvez, não todos os planos sejam iguais em função das doxas específicas de cada campo)

Pulando por cima do ceticismo manifestado, entendo que o assunto que nos convoca pode ser perspectivado, como plano de análise genérico, de dois pontos de vista diversos: um deles, os mecanismos sistêmicos de internacionalização, de mundialização e, em concreto, as eventuais escolhas repertoriais que podem garantir maior sucesso; e os efeitos em outros espaços e campos dos produtos ou agentes envolvidos; nessas esferas, encontramos o nó górdio e a corda bamba da consideração do sucesso: qual sucesso? como medi-lo? E em qual campo medi-lo? No que Bourdieu (1991) denominou campo de produção restrita ou no campo da grande produção? E, imediatamente: são nítidas as balizas desses campos? Se existem, realmente, como se delimitam? Imediatamente voltarei a isso a propósito do caso brasileiro⁵.

⁵ Este é um assunto que, acho, pode ser mais complexo do que parece: não será fácil para quem assim o considerar, destringir o campo de produção restrita do campo da grande produção (Bourdieu, 1991) e os agentes e mecanismos de produção de valor canonizadores e o seu poder legitimador; e pode acontecer que sejam textos ou autores pertencentes a *literaturas fortes* (com maior prestígio e presença históricos ou presentes no âmbito internacional) os que se situem em posições mais centrais levando os scholars (na sua dupla função, difícil também de delimitar entre a crítica e o estudo, tão própria do campo dos estudos literários, precisamente por causa da sua produção de valor) a acreditar que aí estão as fórmulas objetiváveis e objetivas de sucesso a *estender* a outras literaturas, num implícito (por vezes, explícito) afã planejador e, em todo o caso, classificador do bom e do menos bom.

Ora, esse plano de análise genérico, nos assuntos relativos ao estudo da literatura mundial como, em geral, ao dos denominados estudos literários, pode concretizar-se na dedicação a três áreas fundamentais: a tarefas hermenêuticas (à análise, compreensão e interpretação de textos); à atividade do campo literário (à análise de trajetórias de textos e autores, configurações de campos, redes, relações entre agentes, etc.); e aos efeitos da atividade literária nas sociedades, nos espaços sociais, tendo em conta a atividade do campo, e nos processos sociais a que pode dar lugar (ideias, crenças, usos, práticas sociais, repercussões ou vínculos com o campo do poder, etc.).

Há tomadas de posição que, em ocasiões, manifestam a interface direta ou indireta entre as três posições, particularmente aquelas em que um autor as situa no âmbito do campo de produção ideológica ou atuando como intelectual ou fabricante de ideias (vide Even-Zohar, 2010: 175-236 para esses conceitos) fora do restrito âmbito da produção literária; pensemos, simbólica e referencialmente, no discurso de abertura da Feira de Frankfurt lido por Luiz Ruffato em 2013 (Ruffato, 2013a), ano em que o Brasil era o país convidado: Ruffato é um escritor consagrado no campo literário brasileiro através de prêmios, distinções, comentários sobre a sua obra, etc., que utiliza aquele palco para a sua descrição e análise da situação social do povo brasileiro. Consequentemente, surgiram várias polêmicas, não tanto sobre a veracidade da sua análise, mas sobre a oportunidade de fazê-la naquele âmbito de internacionalização individual e coletiva de agentes do campo literário brasileiro. Provavelmente, houve quem considerou que os objetivos da presença do Brasil na Feira iam sofrer alguma mudança quanto ao grau de consecução deles; provavelmente também, esse fato condicionará e afetará a trajetória de Ruffato no campo brasileiro e no mais alargadamente internacional.

Por outro lado, as várias dimensões de abordagem do estudo da literatura mundial ou das literaturas em contexto mundial podem sintetizar-se em dois tipos de objetivos quanto à classe de resultado esperável, comuns a qualquer outra disciplina investigadora: conhecer e planejar. Há, portanto, um âmbito de produção de conhecimento e outro, à partida dependente de aspectos deste, que permite pensar em termos de planeamento, aqui cultural.

Se focarmos o assunto da perspectiva das singularidades duma literatura nacional em concreto (ou de determinados textos e autores, ainda mais em concreto), essas singularidades podem, por sua vez, ser focadas sobre posições e funções nesse campo alargado, ou mais especificamente sobre os repertórios utilizados, interrogando-se sobre os seus eventuais impactos e razões deles. As implicações aqui (as quais, acho, no fundo, devem ser o interesse final desse conhecimento) podem ser de vária ordem, desde identitárias até econômicas; nesses resultados, e ligados a essas implicações, podem estar interessados editoras, autores, distribuidores, tradutores... e também entidades educativas ou a diplomacia dum determinado Estado, por exemplo. Quer dizer, entram em jogo interesses de prestígio ou comerciais mais ou menos particulares e, provavelmente, interesses políticos e culturais de alcance mais global.

Nessa direção, entendo que estudos de “literatura mundial” podem ser uma boa oportunidade para superar estritas considerações individuais e pensar em termos da literatura como processo social e os seus impactos; assim, ao lado de estudos de formas e assuntos dos textos e as suas eventuais homologações e posições em quadros supranacionais, a consideração dos efeitos vinculados à literatura pode oferecer vias de pesquisa relevantes.

2.1 Literatura *mundial* como campo *mundial*? Estudar assuntos relevantes e os seus efeitos

O alargamento do espaço literário e a consideração do mesmo parecem sugerir um foco colocado sobre o funcionamento desse espaço como campo; um foco no estudo de textos, autores e de agentes que funcionam ou não nesse campo, bem como as razões e os efeitos dos mesmos. Quer dizer, essa consideração do campo mundial deverá atender a fenômenos mundiais ou, pelo menos, fenômenos suprassistêmicos: isto deve ser intrínseco a essa consideração; se não, estaríamos em cheio no âmbito do comparatismo ou do estudo do relacionamento entre sistemas ou fatores deles.

Certamente, muitos “matizes” podem ser apostos ao termo “mundial”; e, com certeza, na prática pode acabar-se por estudar relações literárias ou culturais ou comparações entre agentes, produtos ou âmbitos. Mas pode entender-se consensualmente que mundial venha a determinar um âmbito de lógicas internacionais de funcionamento dos fatores considerados, em que eles funcionam em mais dum âmbito intersistêmico (quer dizer, em mais dum conjunto de sistemas primariamente vinculados por elementos repertoriais ou de posição comuns que os diferenciam doutros: uma língua, uma relação comum em referência a outros sistemas ou espaços que os condiciona ou determina e que os vincula: o intersistema lusófono; o intersistema dos campos galego, basco e catalão dentro do estado espanhol, por exemplo; vide Torres Feijó, 2004a). Em geral, penso que quando se fala de sistema mundial ou de campo mundial, é preciso delimitar qual o alargamento desse sistema ou desse campo considerado; e, também, os seus vínculos com o capitalismo globalizado, do qual pode estar dependendo a sua consideração atual.

Se o que se pretende com essa consideração é o estudo de funcionamentos mais ou menos globais, parece claro igualmente que devem ser atendidos fenômenos os quais respondam a um funcionamento em diversos sistemas cujo alcance seja tal que os coloca como fenômeno global. Nesse sentido, fariam parte de um campo alargadamente supranacional que seria determinado por (ou submetido a) regras e forças atuantes num quadro global; já não, então, intersistêmico, mas suprassistêmico de âmbito mundial.

Provavelmente, possam estribar-se nessa esfera as diferenças entre considerações intersistêmicas (as relacionais entre sistemas ou de agentes ou produtos de sistemas), de relacionamento entre agentes e campos (de uma comunidade ou comum a várias comunidades; culturais, de produção ideológica ou do poder), e as considerações de sistema mundial; quer dizer, em relação a essas últimas, explorar funcionamentos, repertórios, condições que tenham esse caráter; por exemplo, elementos repertoriais comuns a determinadas posições e funções; efeitos de alcance supracomunitário, que compartilham uma mesma índole global, etc.; estudo de posições e funções nesse campo mundial (o qual,

irremediavelmente, força a defini-lo e delimitá-lo, fator esse que é chave e *conditio sine qua non*), etc.

Os objetos de estudo perspectivados no quadro dessa consideração devem obedecer a essas focalizações: um *Best-seller* internacional parece-me um corpus evidente delas; textos ou autores funcionando no campo de produção restrita supra intersistêmico, também; a abordagem de sistemas nacionais funcionando no seu conjunto ou partes deles em relação, de participação, resistência, etc., em quadros globais, igualmente. Em geral, comparações entre os índices de vendas de diversos sistemas podem deitar valiosa luz e contribuir para selecionar perguntas e corpus de análise, sobre presenças e ausências também.

Utilizei em várias ocasiões as expressões “funcionamento” ou “funcionam”. Na consideração desse funcionamento, do desempenho dos fatores, objetos ou agentes considerados, incluo a dos efeitos no campo e no espaço social, institucional, ou noutros campos. Acho essa uma dimensão que apresenta possibilidades de conhecimento relevante. Estudos de relacionamento sistêmico em quadros supranacionais, supra(inter)sistêmicos, podem oferecer resultados de interesse para conhecer recepções, trajetórias, fórmulas, efeitos de fatores ou agentes ou conjuntos deles nesses campos. Abre-se um âmbito verdadeiramente importante nessas focalizações: ao conhecer os efeitos desses objetos no campo, portanto, e, também e relevantemente, conhecê-los no espaço social ou noutros campos: diplomacia cultural, relações político-culturais, ação social, atração de determinados espaços, territórios, ou comunidades, movimentação de pessoas, novas lógicas de olhar, etc.

Pense-se nos textos literários ou nos seus produtores (e em todos os agentes envolvidos nesse esquema) nesse sentido: biografias de autores ou textos literários que provocam ou promovem o desejo de conhecer determinadas vilas, cidades, paisagens; ideias fabricadas sobre comunidades a partir de textos; uso político de autores e de textos no relacionamento entre países, autores ou textos usados como agentes de relacionamento, cooperação, etc. Do meu ponto de vista, eis uma dimensão verdadeiramente importante em alguns casos para as comunidades, do ponto de vista econômico, cultural, identitário, social, etc.

(Torres Feijó, 2014b) que pode ser atendida no quadro da denominada literatura mundial.

Os aspectos que me interessam da literatura mundial são, pois, as incidências nos modos de olhar, as repercussões que têm de maneira direta ou indireta na vida das pessoas. E o impacto de obras e autores dum campo primeiro além das suas fronteiras. O interesse que proponho está centrado nos efeitos sociais e culturais da atividade literária; mais em concreto, no entendimento dos textos e dos autores/as recepcionados como fabricantes e promotores de ideias; e no exame dos efeitos coletivos. Obras e autores/as podem propiciar mecanismos muito diversos de classificação e relacionamento entre pessoas e grupos, desejados ou não.

Fora do debate considerado (falsamente) *mais literário* (que costuma partir da base de que falar e opinar sobre textos é fazer *estudos* da literatura), algumas dimensões, talvez em casos de análise mais complexa, podem ser exploradas: aquelas que têm a ver com as imagens e as práticas culturais que os textos e os seus autores e modos de circulação podem gerar. Refiro-me às dimensões em que esses usos incidem, por sua vez, nos modos de olhar e *usar* o Outro, aqui querendo significar *usar* qualquer fórmula de entender e eventualmente intervir nas dimensões do Outro; no entendimento de textos e autoras/es como bens prezados e apreciados; dos discursos como ferramentas de uso; nos efeitos deles sobre as práticas das pessoas, indo bem além de considerações imagológicas carentes de exame das experiências reais das pessoas em função das imagens elaboradas.

3 Literatura Brasileira e Literatura Mundial

3.1 Sintomas culturais do Brasil no quadro internacional nos últimos anos (2009-2014)

Futebol, samba, carnaval e, também, praia, parecem ser o conjunto-estereótipo dominante sobre o Brasil; não tenho dados concretos sobre esse assunto mas procuro estas palavras associadas conjuntamente ao Brasil em buscadores na

internet parecem, pelo seu volume, revelar a certeza desse estereótipo; de fato, na mesma rede é possível encontrar debates ou opiniões sobre o fato e destaques desses usos (“Artigo sobre o Brasil”; “Estrangeiros pensam”; “Brasil é só”; “Cerca de 900 mil turistas”).

Também, e pelos mesmos mecanismos, parece claro que a música popular brasileira, com nomes como Vinícius de Moraes, Caetano Veloso ou Chico Buarque, entre outros, é uma das áreas mais conhecidas no âmbito da cultura internacional, como igualmente simples procuras na internet revelam.

Se esses fenômenos foram sendo configurados nos últimos cinquenta anos aproximadamente, alguns outros, de outra índole e mais recentes, podem ser somados a eles, constituindo a sua notícia sintomas de mudanças nas perspectivas. Com efeito, de alguns pontos de vista, do mercado ou da política cultural (algumas dessas emergências são referidas por Villarino Pardo, 2014a e 2014b), bem podemos considerar dois fatos: o de o Brasil ser visto como um BRIC (quer dizer-se como uma potência econômica capitalista emergente, definição do grupo financeiro Goldman Sachs, O'Neill, 2001), o que pode implicar maior peso na política internacional, e o da chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores por meio de Lula da Silva em 2003, que governou até 2011 (um acontecimento singular no Brasil, situando um partido tradicionalmente perspectivado na esquerda trabalhista à frente da República Federativa pela primeira vez na história, que se prolonga com a presidência de Dilma Rousseff, também do PT, até à data, 2015). Os eventos desportivos de 2014 (Campeonato Mundial de Futebol) e 2016 (Jogos Olímpicos), que fundamentalmente estão mediados pela visão do Brasil como potência futebolística, com muitos atletas pertencendo a equipes relevantes em vários países do mundo (sobretudo na Europa) e com cinco campeonatos mundiais ganhos, mais do que qualquer outra seleção, um fato que, segundo algumas análises (“Livro conta a história”), atinge um valor identitário nacional, confirmam e reforçam essa emergência internacional⁶.

⁶ Da seleção de futebol brasileira fala-se em termos de “um dos maiores símbolos do país”, dentro do próprio Brasil (“Livro conta a história”), assunto que parece estar presente na cultura mesmo *a contrario*, inclusive em âmbitos de elite literária e em representação do país no quadro da diplomacia cultural; assim, Galeno Amorim, presidente do Comitê Organizador da presença literária brasileira na Feira de Frankfurt advertia que o anúncio da lista de escritores e escritoras do Brasil na Feira

Essa emergência plural do Brasil tem repercussões que se retroalimentam em diversos âmbitos da cultura: apresenta, por exemplo, uma maior procura da sua língua e dos seus produtos linguísticos, por razões culturais, sociais, políticas e econômicas ou profissionais⁷. Numa recente tese de doutorado, o seu autor, Leandro Rodrigues Alves Diniz (Diniz, 2012), salienta o crescente impacto do mundo cultural brasileiro no exterior. Alves Diniz afirma as suas análises indicarem “um notável processo de recrudescimento da política linguística exterior brasileira, que se inscreve em condições de produção marcadas pela Nova Economia e por mudanças na política externa do Brasil e no imaginário do país no exterior”. Diniz estudou a política institucional exterior, em concreto, a Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP), subordinada ao Ministério das Relações Exteriores, que atua em mais de quarenta países por intermédio da Rede Brasileira de Ensino no Exterior (RBEx), e de cuja composição fazem parte os Centros Culturais Brasileiros (CCBs), Institutos Culturais Bilaterais (ICs) e leitorados, observando, segundo o seu depoimento (Netto, 2012),

um notável recrudescimento da política linguística exterior brasileira nos últimos anos, o que se deve, em partes, ao fortalecimento de processos discursivos por meio dos quais algumas línguas passam a ser significadas como ‘bens de mercado’, em que valeria a pena ‘investir’ para ter sucesso no ‘mundo globalizado’.

(“Nomes consagrados”) não devia “ser entendido como uma convocação de futebol, quando se escolhe quem vai ou não para a Copa do Mundo. “Um comitê trabalhou para criar um mosaico. Para cada nome da lista, há outros 10 ou 15 que poderiam figurar nela com igual ou mais talento”, acrescentava. Na mesma Feira, foi lançada uma antologia de textos sobre futebol realizada por Luiz Ruffato (2013b) com contos de 16 autores (“Editora alemã reúne”); Ruffato afirmava: “Acredito que seja possível discutir preconceitos e ideias feitas usando exatamente o preconceito e as ideias feitas [...]”. Somos realmente o país do futebol e da praia, mas somos muito mais do que isso.” E o editor, Rainer Wendling notava: “Queríamos que também houvesse algo sobre o contexto social brasileiro nessas histórias.” Observe-se, escrever sobre futebol, não com perspectiva necessariamente crítica, não parece retirar capital simbólico a escritores consagrados no campo brasileiro.

⁷ O panorama da tradução brasileira é crescente e poderá confirmar as análises de Sapiro e Heilbron (2008) quanto à relação entre prestígio político dum estado e a presença da sua língua na cena internacional (Sapiro & Heilbron, 2008); mas não em todos os casos nem de maneira simples: pode, por exemplo haver autores que funcionem (ou não) no exterior por razões de adscrição ideológica e que sejam recebidos como representantes do seu país quanto à visão que portam, caso de Jorge Amado. E tenho muitas dúvidas de que Paulo Coelho deva a sua internacionalização ao eventual crescente prestígio do Brasil no mundo; talvez, até, em alguma pouca medida, ao contrário...

O trabalho de Diniz confirma a hipótese das repercussões na procura do português a partir das novas posições do Brasil no quadro internacional. Lemos na notícia:

Para o autor, o português, especificamente, o brasileiro, tem sido representado, muitas vezes, como uma ‘língua do mundo da comunicação’, ‘da troca comercial’, na esteira de mudanças no imaginário do Brasil no exterior, o que impulsiona sua aprendizagem por falantes de outras línguas e a política do Itamaraty para atender a essa demanda. Mas o fortalecimento das ações do Estado brasileiro para a promoção do português no exterior também é consequência, segundo o pesquisador, de um reposicionamento do Brasil no cenário geopolítico internacional. ‘É possível observar a formulação de um novo lugar para o português, que passa a ser encarado como um instrumento de penetração estratégica do Estado brasileiro para além de suas fronteiras’, afirma o autor. Diniz conclui: “A promoção de uma língua no exterior por meio de iniciativas estatais não pode ser dissociada de interesses políticos, econômicos e simbólicos”.

Uma promoção complexa, por razões institucionais e pelos riscos de imagem-país neocolonialista que o Brasil podia enfrentar, particularmente no contexto africano de língua portuguesa⁸.

Outro tipo de análises parece confirmar algumas das tendências expostas. É o caso do estudo, dirigido pelo Prof. Luís Reto, sobre o *Potencial Econômico da Língua Portuguesa* (Reto: 2012; vide uma síntese em Guerreiro e Pereira Junior, 2011), promovido pelo, na altura, denominado Instituto Camões (na atualidade, 2015, Camões Instituto para a Cooperação e a Língua). Num âmbito de alto capital cultural legitimado relativo (estudantes dos centros do Instituto Camões no mundo) e de população provavelmente jovem, também em termos relativos ao universo populacional, esses eram os resultados apresentados sobre referências a personalidades de língua portuguesa (com 1.263 inquéritos validados, Reto, 2012:123).

⁸ O autor analisa a possibilidade de criação do Instituto Machado de Assis (IMA), lançada em 2005, mas ainda não implementada com os objetivos de formular e coordenar as políticas de promoção da língua portuguesa no Brasil e no mundo, questionando-se: “Como criar uma estrutura brasileira centralizadora das ações para a promoção do português, se as políticas linguísticas exteriores fazem ressoar discursos (neo)colonizadores, e se a fundação do IMA poderia ser interpretada como uma evidência de pretensões imperialistas por parte do Brasil? De que forma promover a língua portuguesa em certos espaços, como em países africanos marcados por políticas colonialistas de Portugal até meados do século XX? A fundação do IMA não representaria uma opção por uma política unilateral de difusão da língua portuguesa, num momento em que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa começa a levar a cabo suas primeiras ações de política linguística?” (“Um novo lugar para o português?”)

Quadro 9.1. Referências a personalidades de língua portuguesa (inquiridos de países não lusófonos⁹).

Lula da Silva	27%
Ronaldinho Gaúcho	27%
Cristiano Ronaldo	25%
Ronaldo Figo	24%
Fernando Pessoa José Saramago	23%
Paulo Coelho	20%
Amália Rodrigues	19%
Luís de Camões	17%

Quadro 9.2. Referências a personalidades de língua portuguesa (inquiridos de países lusófonos¹⁰).

Lurdes Mutola	27%
---------------	-----

⁹ 15% das pessoas entrevistadas não indicou nenhuma personalidade. Foram entrevistadas estudantes de 41 países, 39,6% PALOP, 31,6%, Europa ocidental; 10,7% a África não lusófona, 6,7 % da América Latina, 4,8% dos Países do Leste, 3,4% dos USA e 3,2 % da Ásia.

¹⁰ Fundamentalmente, os países africanos de língua portuguesa, porque não foram incluídos nem Portugal nem no Brasil na mostra. Na revista *Língua Portuguesa* aparecia (Guerreiro e Pereira Júnior, 2011) a seguinte tabela, indicando como fonte o livro coordenado pelo Prof. Reto mas sem página de referência, tabela que não encontrei no livro. Nela, aparecem Cesária Évora e Mia Couto no cômputo geral, diferentemente das tabelas inseridas no livro. Provavelmente, foi uma tabela enviada aos meios, mas finalmente não utilizada no livro... Em todo o caso, não altera substantivamente o teor das conclusões:

Pesquisa feita pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, a pedido do Instituto Camões, perguntou a 2.500 estrangeiros estudantes de português espalhados pelo mundo quais as personalidades de fala portuguesa mais conhecidas internacionalmente.

Lula da Silva	19,9%
Ronaldinho Gaúcho	19,4%
Figo	19,2%
Ronaldo Fenômeno	18,3%
Cristiano Ronaldo	18%
José Saramago	17,1%
Fernando Pessoa	16%
Camões	14,9%
Cesária Évora	13%
Mia Couto	13%

Mia Couto	27%
Malangatana	25%
Bonga	24%
Roberto Carlos	24%
Joaquim Chissano	23%
Pepetela	23%
José Eduardo dos Santos	20%
Figo	19%
Mantorras	17%

Fonte: Reto, 2012, p. 181 e 182.

Imagino que os resultados terão muito a ver com o que é veiculado nas aulas, juntamente com os interesses de cada qual, com as atmosferas criadas em cada país e com os próprios países em que o Instituto Camões tem leitorados. O IC tinha 77 leitores/as em 68 países, com dados de 2010 (2012: 56), 30 na Europa, 18 na África, 2 na América do Norte, 6 na América Central e do Sul e 12 na Ásia e Oceania.

O resultado de países não lusófonos (o que aqui mais nos interessa em termos mundiais¹¹) abrange 4 personalidades brasileiras e 6 portuguesas, das quais, no primeiro caso, temos 1 político, 2 atletas e 1 escritor; e, no segundo, 2 atletas, 3 escritores e uma cantora.

É plausível (nas coordenadas conjunturais de cada inquérito a fazer) o aparecimento de políticos, pelo seu caráter representativo ou significativo em relação à administração do país, mais facilmente identificável com as suas comunidades. Em todo o caso, é perceptível que, para esses estudantes ao menos, o Brasil era Lula e atletas, política e futebol, fundamentalmente. Naturalmente, podemos especular, impressionistamente, que em algum patamar haveriam de aparecer músicos e escritores/as, dado o âmbito acadêmico e de ensino de língua e cultura do corpus... Isto cumpre-se do lado português, num cânone esperável de literatura e música, confirmando a índole das instituições académicas como sendo,

¹¹ A tabela dos países lusófonos (substantivamente, a África de língua oficial portuguesa) mostra um comportamento similar quanto à classe das pessoas citadas: políticos, futebolistas, cantores e artistas, aparecendo 1 português (Figo, atleta) e 1 brasileiro (Roberto Carlos, cantor).

via de regra, veículo de transmissão e reprodução de cânones e legitimações (Pessoa, Saramago, Camões), mas não no caso brasileiro: aí está Paulo Coelho, alguém que, como veremos, aparece *apesar* de não estar no cânone acadêmico brasileiro, confirmando talvez as perdas de legitimidade das instituições acadêmicas ou, pelo menos, da pluralidade de legitimações e, ainda, de alguma desconsideração das mesmas.

Tratando-se o Instituto Camões de uma instituição portuguesa, parece também esperável que sejam os de nacionalidade portuguesa os que apareçam (ao lado, no caso da tabela fornecida pela Revista *Língua*, duma cantora e dum escritor de países “não concorrentes” com Portugal; quer dizer, de países que não apresentam forte política cultural externa própria e que não deitariam “sombra” sobre os nomes da cultura portuguesa). Enfim, é uma especulação sobre fenômenos que podem estar atuando sobre o modo como o Brasil e a sua cultura e literatura são vistos além das fronteiras sistêmicas. O fato é que, no caso brasileiro, o “não literário” e o alegadamente “não canonizado” (futebol¹²) está presente no topo das referências mundiais das pessoas entrevistadas. E quando não se aplicar o “não literário”, aplica-se o “não canonizado”: cânone e massa vão por caminhos diversos...

Parece claro que ter em conta esses fatores é preciso para o estudo de recepção e valorização de textos, autores e as suas implicações. Mas isso expressa igualmente que o Brasil estava tornando-se mais conhecido no âmbito internacional, como conjunto, do qual era expressão a figura mais conhecida de todo o âmbito de língua portuguesa, o presidente da República Federativa na altura.

Esta dinâmica conhecia processos homólogos noutras esferas. Para o caso do mercado literário internacional, segundo Karine Pansa, presidente da Câmara Brasileira do Livro em 2013 (“Feira de Frankfurt mudou”), as vendas de direitos

¹² Provavelmente, uma atividade como o futebol, que ocupa quotidiano espaço informativo da mídia em muitos países, a cujos eventos mais relevantes assistem chefes de estado e representantes políticos e que tem audiências massivas, dificilmente pode ser considerado, já, não canonizado, exceto que seja, precisamente, o seu caráter massivo o que o deslegitime para alguns agentes, o que não deixaria de ser um processo e sintoma paralelos à denominada literatura de massas e, em geral, ao consumo massivo de produtos nos campos culturais e a sua posição na hierarquia de legitimações...

autorais brasileiros quase multiplicaram por três entre 2010 e 2012, passando de 495 mil dólares para 880 mil dólares, em 2011, e 1,2 milhão de dólares em 2012.

3.2 Literatura brasileira e literatura mundial: qual literatura brasileira?

3.2.1 Literatura brasileira e diplomacia cultural

O percurso cultural do Brasil no âmbito internacional não pode, pois, ser desvinculado do novo quadro político e econômico do Brasil nesse mesmo espaço internacional, se quisermos entender vias de atração e impacto. Por outro lado, efeitos da crescente unificação do mercado mundial da tradução (Sapiro, 2009) e da influência das lógicas de mercado nos intercâmbios internacionais, são o fato de se ter reelaborado recentemente a ideia dum campo denominável “literatura mundial” e de os Estados investirem na difusão e promoção exterior de produtos culturais e dos seus autores, atuando em termos de diplomacia cultural, como forma fundamental de presença cultural no estrangeiro (Sapiro, 2008: 12), o qual, de resto, é rastreável, por exemplo no caso da Europa ocidental, desde séculos atrás. Esse eventual percurso, considerado como tal, não pode elidir as projeções culturais mais marcantes de Brasil além das fronteiras sistêmicas. E, nessa matéria, convém sublinhar que a ação do Estado é crescente e recentemente emergente no seu peso atual, atrás da emergência internacional do Brasil na última década. A investigadora Regina Zilberman (2011:585) sublinhava como, até à primeira década do século XXI, a ação das empresas, brasileiras ou não, ligadas à indústria do livro era maior que a federal. E Luciana Guedes, analisando o Programa de Apoio à Tradução de Autores Brasileiros da Fundação Biblioteca Nacional de 2009 a 2012, qualificava de “abismal” a diferença no número de bolsas entre 2009 e 2012 (Guedes, 2012:111-112), sendo que, dum total de 175 no período, quase metade foi concedida em 2012, sem dúvida virada para os preparativos da Feira de Frankfurt 2013. De fato, Regina Zilberman (2011: 575-586) examina cinco “desafios” que a literatura brasileira enfrentava nos inícios do século XXI, nucleares também para a presença internacional da mesma: 1) difícil profissionalização (577-578); 2) circulação entre escolas, feiras de livros e festas literárias (579-580); 3) fortalecimento do mercado

(580-581); 4) inovação e renovação literária (581-583) e o que intitulava “à *la recherche* do mercado internacional” (583-585), cujos primeiros passos situa na década de setenta do século XX. Os dados, análises e observações de Zilberman e Guedes espelham esse caráter quase totalmente recente e crescente do fenômeno de internacionalização literária como questão de Estado.

Em similar e inversa maneira, os relacionamentos culturais podem constituir uma via de penetração e de facilitação de possibilidades noutras esferas, incluindo a econômica e a política, particularmente no quadro da denominada diplomacia cultural. A esse conceito, proposto por Joseph Nye¹³ ao lado da contraposição entre *soft power* (ações tendentes a atrair outros países aos valores ou objetivos do país emissor através da cultura e da persuasão) e *hard power* (que basearia a política exterior na coerção ou na recompensa), tive oportunidade de referir-me noutro lugar (Torres Feijó, 2014b), no quadro da Lusofonia e com alguma atenção a aspectos de estudos da literatura e da cultura, para significar a necessidade de recorrer a outras vias de relacionamento, na esfera do atrativo ideológico ou cultural, caso se pretenda reforçar aquela. A atenção aos processos e oportunidades da diplomacia cultural dos países é progressivamente maior¹⁴. De

¹³ Joseph Nye, dedicado à ciência política, é considerado o teórico iniciador desse conceito de “diplomacia cultural”, a partir dos seus estudos de 1990 e 2004, em que pretendia mostrar que os Estados Unidos da América não poderiam manter a sua posição mundial sobre a base da imposição militar, econômica e política, e anotava a necessidade de recorrer a outras vias de relacionamento, na esfera do atrativo ideológico ou cultural. Neste sentido, Nye contrapõe o conceito de *soft power* ao de *hard power*, que basearia a política exterior na coerção ou na recompensa, frente às ações pertencentes ao *soft power*, tendentes a atrair outros países aos valores ou objetivos do país emissor através da cultura e da persuasão (Torres Feijó, 2014b:164).

¹⁴ Sirva, como exemplo desta dimensão diplomática e do seu interesse crescente, a página de blogues oficial do Foreign Office do Governo do Reino Unido (<http://blogs.fco.gov.uk/>), em que são convidadas a participar diversas personalidades e que refletem os interesses diplomáticos e culturais daquele estado em que podemos ler:

Foreign Office blogs provide a place for officials and Ministers to engage in a direct and informal dialogue with public audiences about international affairs and the work of the Foreign and Commonwealth Office.

We want our blogs to be personal, real time, integrated with other things we’re doing, responsive to comments, and written for particular (sometime niche) audiences. But there’s no right or wrong way to blog, and you’ll see that our bloggers take different approaches.

Our blogs are personal and attributed – they are all written by the named authors.

Some are written by ministers, some by ambassadors, some by staff on particular themes. Some are about particular foreign policy issues, some cover a range of our work. Some of our bloggers are on our officially branded websites, some are hosted on other web platforms. Most of our blogs are written in English, but some of our bloggers write in local languages.

resto, ele não pode ser dissociado, no atual quadro mundial de globalização capitalista, do de marca-país (nation branding, em inglês), um conceito cunhado por Simon Anholt para medir a reputação (de governança, cultural, social, econômica, turística, imigração, investimentos, etc.) dos países no âmbito internacional num quadro relacional mais globalizado de capitalismo avançado, com luta pelos recursos financeiros (Anholt, 2011). Segundo Future Brand (“Country Brand Index” – Latinoamérica)¹⁵, o Brasil ocupava o número 1 do ranking da Sul América, em 2013 e o lugar 43 no contexto mundial, em 2014 (<http://www.futurebrand.com/cbi/2014>); lugar esse relativamente baixo mas, ao mesmo tempo, era considerado um dos países com maior potencial (<http://www.futurebrand.com/news/futurebrand-launches-the-8th-annual-country-brand-index>)

A presença do Brasil em várias feiras internacionais de alto impacto no mundo como convidada especial, caso da referida de Frankfurt, é, também, um ato de diplomacia cultural relevante, ao ponto de que os organizadores julgaram a Feira ter mudado a imagem exterior do Brasil (“Feira de Frankfurt mudou”): “Em meio a polêmicas envolvendo Paulo Coelho e Luiz Ruffato, programação literária e cultural ajudou a quebrar clichês e aumentar o interesse pelo país”, julgando o país ter-se mostrado mais “contemporâneo”. Renato Lessa, na altura presidente da Biblioteca Nacional, afirmava: “Tenho certeza que Frankfurt tem agora uma boa noção do que é o país”, após as atividades que supuseram um investimento de “quase 19 milhões de reais”. Ricardo Lelis, do departamento de direitos autorais da

Anyone in the Foreign Office with a good reason to can write an official blog. We provide some guidance and support because we want our bloggers to make the best use of the medium. But the bloggers themselves take full responsibility for the blogs that they publish”.

Quanto ao interesse pelo Brasil, apenas esta amostra: em 2010, a Profa. Leila Bijos publicou o artigo “A diplomacia cultural como instrumento de política externa brasileira” na Revista *Diálogos*, artigo que foi reproduzido em 2014 no blogue aludido.

¹⁵ Na página podemos ler: “El Country Brand Index Latinoamérica analiza la fortaleza de las marcas país de la región sobre 21 naciones y está basado en un estudio cuantitativo, entrevistas a expertos e información provista por los gestores de dichas marcas. En FutureBrand evaluamos la fortaleza de una marca país casi del mismo modo que la de cualquier otra marca. Medimos niveles de conocimiento, familiaridad, preferencia, consideración, recomendación y decisiones activas para visitar o interactuar con un determinado lugar.

Sin embargo, los factores más importantes –es decir los aspectos que verdaderamente diferencian a una marca país– son sus asociaciones y atributos que atraviesan cinco dimensiones clave: “Sistema de valores”, “Calidad de vida”, “Aptitud para los negocios”, “Patrimonio y cultura”, y “Turismo”.

editora Cosac Naify, sintetizava o novo momento brasileiro no exterior vinculando a Feira a outros acontecimentos como os já referidos e falando das suas repercussões econômicas ("Feira de Frankfurt mudou"): "Além de ser o convidado de honra, com os eventos mundiais que vão ocorrer envolvendo o Brasil, acredito que haja um interesse maior do público em descobrir o país. E esperamos que isso venha a gerar mais negócios." Na mesma linha e informação, de vínculos entre a emergência política e econômica do Brasil e o seu impacto cultural, Luiz Ruffato, por sua vez, condicionava o sucesso futuro da literatura brasileira no quadro mundial às políticas públicas e de o Brasil se manter em destaque no cenário político-econômico mundial.

3.2.2 Projeções sociais e culturais, literatura brasileira e literatura mundial. Paulo Coelho como problema, objeto e exemplo

3.2.2.1 Primeira questão: O *qualitativo* e o *quantitativo*¹⁶

O exposto anteriormente significa que os olhares e usos da literatura brasileira como literatura mundial, sempre do ponto de vista que aqui me interessa (elementos de atração e efeitos dentro e além do campo literário) podem estar condicionados por esses fatores, que devem ser tomados em conta na análise a que se proceder. Certamente, isto introduz traços de índole quantitativa (volumes de vendas, por exemplo), mas provavelmente signifique ou dê como consequência fenômenos relevantes de caráter qualitativo.

Quem costuma dedicar-se aos estudos literários está normalmente vinculado/a ao mundo acadêmico, particularmente, ao mundo da denominada educação superior, universidades ou unidades de pesquisa, públicas ou privadas. Essa afirmação pode parecer uma obviedade (é-o, de algum ponto de vista) mas convirá acrescentar que, via de regra, essas pessoas ou equipes compartilham sistemas e normas de classificação específicas emanadas das crenças do campo em que atuam

¹⁶ Por evidentes razões de espaço deixamos para outro lugar uma análise das estatísticas relativas aos vários cânones da literatura brasileira (mundo acadêmico brasileiro, e meio acadêmico internacional, cânone de pares, mais vendidos; estatísticas de traduções, etc.), e oferecemos aqui apenas algum caso significativo.

(os estudos literários acadêmicos) e vinculadas ao que consideram qualidade de textos e autores; esse processo costuma não evidenciar que essa é uma (subjetiva) produção de valor alicerçada num *habitus* cultural relativamente comum nessas dimensões (aceitando a imposição de consensos de maneira naturalizada) e apoiada na legitimidade e legitimação de quem produz esse valor e/ou na trajetória do próprio campo: nada há que determine a qualidade de uma obra; nada há intrinsecamente que sirva para medir a qualidade de uma obra: essa crença é o resultado do crédito que possam possuir ou seja atribuído a quem produz essa qualidade.

O cânone literário costuma ser resultado complexo, relativamente dinâmico e relativamente heterogêneo desses processos de produção (mas com forte tendência à homogeneização de critérios de escolha homólogos aos interesses dos grupos sociais pertencentes às elites culturais, políticas ou econômicas). Seja como for, o que aqui me interessa sublinhar é que é precisamente essa produção de valor legitimada a que geralmente alicerça as escolhas de corpus e objetos e estudo, tanto na sua positividade (obra e autores canonizados), como na sua negatividade (estudo de obras e autores que *não pertencem* ao cânone). O qual, aliás, dá compensações aos agentes que os impulsionam: de fato, pode ser afirmado, ao menos em alguns casos, que a pessoa estudiosa de um autor e/ou uma obra canonizados tende, se tiver sucesso e impacto, a se beneficiar também de um processo de canonização superior quanto mais central sejam aquela obra ou aquele autor no campo acadêmico (vide Gómez, 2003, para o caso de Guerra da Cal e Eça de Queirós). Mas há outro fator importante e, talvez (do que eu conheço, ao menos) pouco estudado: a proporção entre o número de produtos e autor@s canonizad@s e a sua evolução em função da comunidade de pessoas dedicadas ao seu uso e promoção: não tão poucos como para não oferecer possibilidades de distinção e de evitar reiteração e fortes concorrências; não tantos que façam excessivamente disperso e pouco coeso o campo (por falta de interesses concretos comuns).

Mas também é oportuno notar que, progressivamente, ao menos nos tempos recentes, as fronteiras delimitadas por legitimidades e legitimações elaboradas por pessoas pertencentes ao campo acadêmico ou da denominada crítica literária está mais esvaída -- difícil é situar obras como a série que tem a

personagem central Harry Potter, de J.K. Rowling, ou o romance *A Game of Thrones*, de George R. R. Martin, convertido em série audiovisual por David Benioff e D. B. Weiss para o canal HBO (escolhido por Martin, provavelmente pelo prestígio desta produtora de audiovisuais). Paulo Coelho é um escritor marginalizado pela academia universitária (adiante apresentarei algumas provas disto) como autor de baixa literatura; mas intervenções de Paulo Coelho como a sua recusa de assistir à Feira de Frankfurt (provavelmente, a feira de consagração e negócio editorial maior do mundo¹⁷) e a transcendência mediática desse fato mostram também o seu capital simbólico importante e um novo equilíbrio de capitais nos campos literários (“Paulo Coelho boicota”). Coelho reclamou da seleção de escritores convidados e qualificou o governo brasileiro de “desastre”¹⁸.

As afirmações de Coelho se alicerçavam sobretudo na comparação entre a projeção mediática e grau de conhecimento de algumas das pessoas selecionadas e algumas anotadas por ele: “Autor diz que não vai a Frankfurt por discordar do modo como o país mostra sua literatura [...] ‘Duvido que todos sejam escritores profissionais’¹⁹”, afirmou”. Nos depoimentos, Coelho, sustentado pela sua projeção, colocava o seu conhecimento como parâmetro e critério: “Dos 70 convidados, só conheço 20, nunca ouvi falar dos outros 50. São, presumivelmente, amigos dos amigos dos amigos. Um nepotismo. O que mais me aborrece: existe uma nova e excitante cena literária no Brasil. Muitos desses jovens autores não estão na lista”. Coelho afirmava ter tentado influir na lista “sem sucesso. Então decidi, como protesto, não ir a Frankfurt”. Ele citava na entrevista a ausência de Eduardo Sphor, Carolina Munhoz, Thalita Rebouças, André Vianco, Felipe Neto e Raphael Draccon. “Não quero posar agora de Robin Hood”, afirmava Coelho; “não sou

¹⁷ Desconheço estudos comparativos sobre esse pormenor.

¹⁸ Prova desse capital e de algumas homologias entre campos é a sua atitude de rejeição ao processo de preparação da Copa 2014, depois de ter feito parte em 2007 da delegação oficial do presidente Lula quando a FIFA elegeu Brasil como sede do evento desportivo (“Paulo Coelho se diz decepcionado”).

¹⁹ Note-se a importantíssima distinção colocada por Coelho: “profissionais”, quer dizer-se, que vivem do seu trabalho de escritores e, portanto, têm o favor do público e do mercado editorial, o reconhecimento deles (frente a outros que o teriam ou das administrações públicas ou dos seus pares, de maneira duvidosa ou pouco clara: vejam-se as declarações na continuação); portanto, sem reconhecimento de quem dá razão de ser à publicação de textos: quem os lê, que seria o único árbitro válido e validado...

Zorro nem Cavaleiro Solitário. Mas não me sentiria bem em pertencer a uma delegação oficial de escritores brasileiros que na maioria eu não conheço, enquanto muitos escritores profissionais de meu país não foram convidados"²⁰. Coelho lamentava a sua ausência na Feira

primeiro porque eu sempre quis ser convidado para um evento como esse pelo meu governo, mas também porque tenho fortes laços com a Feira de Frankfurt, especialmente com seu diretor Jürgen Boos, que não só reconheceu o processo de transformação do impresso para o digital, como colocou o tópico até na programação da feira,

o que ainda reforçava mais a sua posição de escritor reconhecido e influente em Feira de tanto impacto e que motivava o investimento do governo brasileiro antes aludido²¹.

O esbatimento das fronteiras a que antes nos referíamos e da atenção ao critério de vendas (popular) ficava patente nas palavras de Manuel Costa Pinto, um dos curadores da programação literária brasileira na Feira ("Paulo Coelho cancela"):

Se isso for confirmado acho lamentável, porque seria imprescindível a presença em Frankfurt do autor mais popular do Brasil no exterior. A curadoria não é movida por gostos pessoais. Procuramos contemplar gêneros e autores que têm relevância e consistência na cena literária brasileira, com boa recepção crítica e popular.

As fronteiras entre "alta" e "baixa" literatura estão enfraquecendo. A consagração de Paulo Coelho (criticado em termos estéticos por determinados *scholars*, negligenciado pela imensa maioria) por parte da ABL pode aparecer como (mais) uma tentativa de negociação entre a manutenção do poder consagrador por parte da ABL e a projeção política ou social de alguns membros eleitos; e pode também evidenciar "a fragilidade de um sistema literário que precisa estreitar seus

²⁰ Como Maurício Meireles ("Paulo Coelho cancela"), sintetizava para *O Globo*, esses escritores são alguns dos principais best-sellers do país, e representam o gênero da literatura infanto-juvenil (grande fenômeno de vendas do mercado editorial brasileiro), o qual, dado o tipo de obras de Coelho e o volume das suas vendas, viria reforçar a posição deste.

²¹ Quer fosse intencionado ou não, o fato é que a recusa colocou a atenção em Paulo Coelho e o dedo na ferida do sucesso ou fracasso comercial que está por trás da polêmica. O aludido diretor da Feira comentava: "Ele é o maior sucesso da literatura comercial brasileira e qualquer amostra da literatura brasileira deve incluir autores que tenham sucesso comercial." E a informação continuava: "Para Boos, o boicote foi uma sacada de marketing, já que o autor ganhou destaque na mídia com isso. Segundo o presidente da Feira de Frankfurt, Coelho virá ao evento no ano que vem" ("Paulo Coelho boicota").

mecanismos de acesso para consolidar-se, de modo a afastar a ameaça real representada pelo *outsider*, que não pode estabelecer-se senão obedecendo a todos os critérios da definição indígena de literatura” (Pinheiro Filho²²: 265).

O canonizado é um parâmetro e um eixo seletivo forte no campo, que conduz a pensar a literatura e o seu estudo em termos de cânone e qualidades (impostas por quem tem poder para as fazer e impor) e a negligenciar o que, nesses termos, habita as periferias do campo. Ora, situados no âmbito da literatura mundial e do estudo dos elementos de atração e efeitos dentro e além do campo literário, e entendido o campo mundial nos termos suprassistêmicos a que antes me referia, podem ser considerados dois fenômenos, de índole quantitativa: que o corpus se restringe em muitos casos, porque são relativamente poucos os autores e obras que *funcionam* nesse campo; e que o sucesso, potencialmente medível em termos quantitativos (número de vendas) não é um parâmetro de seleção, porque mesmo alguns daqueles autores ou obras podem estar ocupando posições fortemente periféricas nesse campo mundial. Com efeito, se não houver dúvida de que a tradução é um índice de internacionalização²³, e um indicador da evolução das “trocas entre culturas” (Sapiro, 2008: 21) de assuntos ou formas, ou, por melhor dizer, de elaborações repertoriais que atingem êxito e podem mesmo constituir modelos produtivos, a sua quantificação é um índice importante de medição de sucessos.

²² É oportuno indicar que Pereira Filho é sociólogo, não professor de literatura.

²³ Como critério, presente em Damrosch (2003:4): “I take world literature to encompass all literary works that circulate beyond their culture of origin, either in translation or in their original language”. E imediatamente antes, Damrosch afirma (2003:4): “A work only has an *effective* life as world literature whenever, and wherever, it is actively present within a literary system” (itálico do autor). Apesar de o de Damrosch ser um texto precisamente intitulado “What is the world literature”, como Santos Unamuno (2012:8) anota: “David Damrosch oscila entre una idea de literatura mundial entendida como corpus de obras que circulan más allá de su cultura de origen (2003: 4), como modo de circulación y lectura (2003: 5) o como sistema que se resuelve en una variedad de mundos (2003:12-13), de acuerdo con una lógica esencialmente ahistórica (aludindo aqui à crítica de Jérôme David, 2005:119), y se centra en el texto como unidad prioritaria de análisis”. A este propósito há vozes críticas, vendo nestes princípios uma tentativa de hegemonia do inglês. Mario Valdés, defendendo a necessidade da contextualização, afirma: “La propuesta de una literatura mundial en traducción no es nada nuevo; al contrario, es un diseño cosmopolítico europeo de dominación. El sueño de una biblioteca mundial compuesta de obras de todas las lenguas del mundo en traducción a una lengua universal es en su presente reencarnación el inglés”, linha que observa precisamente em Damrosch (Valdés, 2012:11) e que, como consequência, coloca perguntas sobre qual deve ser o corpus, também o material e textual, a considerar (o que esteja traduzido para inglês, por exemplo?).

Como for, para o caso a que aqui me proponho (os efeitos no campo mundial e noutros campos e espaços sociais), parece claro que as escolhas de objetos de estudo e corpus não deveriam vir determinadas pelos cânones acadêmicos nacionais, porque poderiam estar gerando uma distorção no olhar quanto ao quadro do campo mundial; e a perspectiva deve ser a desse campo mundial e não a do campo literário *de origem* de uma nação ou comunidade determinada. Naturalmente, cabe interrogar-se sobre o funcionamento de elementos do cânone nacional no campo mundial; como cabe colocar-se a difusa questão da literatura *nacional* (para o caso, imaginemos, a brasileira) como literatura mundial: o que pode significar estudar o que tem a dita literatura de *mundial* (e obriga a definir como consequência o que é ou converte obras ou autores em *mundiais*: se compartilham determinadas características, por exemplo? Quem e como as define?); ou o que é que faz funcionar no campo mundial essas obras ou autores. Mas, ainda mais radicalmente, conviria ser prudente quanto ao uso, como critério, da seleção atuante no mundo acadêmico, quer seja nacional ou não nacional/internacional, sabendo ao menos o que isso implica e não implica socialmente. E, para ter algum critério de seleção, o quantitativo parece ser um bom guia. Mesmo na consideração de elaboração ou fornecimento de mecanismos de acesso a uma produção literária determinada, de porta de acesso, os dados podem ser relevantes porque determinados autores e textos geram um potencial atrativo que pode levar a outros; feiras, reportagens televisivas, filmes, publicações especializadas, ensino regado da língua como estrangeira, etc., podem ser alguns dos canais.

Neste sentido, a questão da internacionalização de textos e autores merece também ser colocada em causa, também desde os critérios de seleção e se eles têm a ver, na prática, com uma implícita circulação em determinados países e em determinadas línguas (com destaque para o inglês, nesse conjunto; vide, para o caso, Valdes, 2012), porque, provavelmente, os resultados não sejam condizentes com essa presumível necessidade de traduções para inglês. Como também, se houver que estabelecer hierarquias de impacto, não parece ser essa língua ou a circulação em espaços como os USA ou o Reino Unido os definitivos, tendo em conta os números que, por exemplo, nos oferece o Index Translationum. Num

trabalho que examina “os cinco autores brasileiros de ficção mais publicados na Espanha entre 2000 e 2010” (Guedes, 2012), por esta ordem, Paulo Coelho, Ana Maria Machado, Jorge Amado, Clarice Lispector e Machado de Assis (de “não-ficção” os mais editados são Lair Ribeiro, 21 publicações, e Paulo Freire, 19 publicações, “aparecendo no quinto e sexto posto na listagem geral”), a autora oferece dados gerais sobre os mesmos: entre 1983 e 2008 vieram à luz 50 publicações editadas em 7 línguas, 10 países e 22 editoras diferentes de Ana Maria Machado, com destaque para o espanhol e, por países, para a Espanha, seguida da Colômbia e Alemanha. Entre 1981 e 2007, foram editadas 91 publicações em 14 línguas, 16 países e 40 editoras diferentes de Clarice Lispector, com preferência para o alemão, seguido de perto pelo castelhano, francês e inglês e, por países, para a Alemanha, seguida da França e Espanha. Para um período mais restrito, entre 1995 e 2007, a obra de Machado de Assis teve 85 publicações editadas em 17 línguas, 21 países e 54 editoras diferentes; por línguas, aquela na qual foi mais publicada a sua obra é o francês, seguida de perto pelo espanhol e o inglês; por países, a França seguida pela Espanha. Desde 1977 e até 2008, a obra de Jorge Amado conheceu 420 publicações editadas em 38 línguas, 42 países e 155 editoras diferentes, sendo mais editado em espanhol, alemão, francês e italiano nessa ordem; e destacando-se, quanto a estados, a Alemanha, a Espanha, a França e a Itália. Por último, a obra de Paulo Coelho (considerando a tradução da mesma entre 1990 e 2009) apresenta 817 publicações editadas em 40 línguas (principalmente em espanhol, francês e húngaro), 45 países (Espanha, França e Hungria, nesta ordem) e 128 editoras diferentes.

Apesar da variabilidade dos termos cronológicos do estudo citado (cuja igualação, quanto mais recente for o termo *ab quo*, sempre favoreceria Paulo Coelho, ele permite apontar para algumas hipóteses fortes, entre as quais a de que, se a pesquisa quer ser orientada para o exame do impacto (em vendas ou em número de traduções) da literatura brasileira, como parâmetro objetivável de internacionalização, funcionamento suprassistêmico ou puramente sucesso comparativo, parece que o inglês ou os países anglo-saxônicos não ganhariam atenção primeira. Esse dado, cuja representatividade deveria ser contrastada com maior volume de dados, parece indicar um funcionamento “mundial” das

literaturas sem grande dependência do inglês; mas teriam esses funcionamentos a atenção de pesquisadoras e pesquisadores de âmbito anglo-saxônico se esses textos não estivessem traduzidos ao inglês ou, numa pesquisa sobre o quadro da literatura brasileira na literatura mundial, se deveriam atender de preferência o âmbito intersistêmico alemão, francês ou espanhol? Qual seria o seu lugar na hierarquia de estudo?

3.2.2.1.1 A tradução da literatura brasileira nos últimos trinta e cinco anos

Enfim, se utilizarmos algum critério de medição de internacionalização, penso que o da tradução para outras línguas e o volume de exemplares vendidos é determinante, sobretudo, se não conseguirmos (este é o meu caso) distinguir com nitidez os campos de produção restrita do campo de grande produção. Se formos para um indicador, discutível quanto aos resultados concretos, mas fiável quanto aos pesos relativos, o Index Translationum da UNESCO, podemos verificar (Tabela 1) que, para a língua portuguesa, Paulo Coelho²⁴ se destaca de maneira importante, duplicando o conjunto de traduções do único (e relativamente recente, 1998) Prêmio Nobel de Literatura em língua portuguesa, José Saramago. Para o caso brasileiro, os outros nomes de destaque são Jorge Amado e Leonardo Boff, num segundo nível; depois, o conjunto representado por José Mauro de Vasconcellos, Clarice Lispector e Machado de Assis. Por sua vez, o português como língua de origem das traduções consta no lugar número 18 (sem a presença de Coelho, ficaria 19º, por baixo do húngaro, que apresenta 11.294 traduções), com um total de 11.566, de que Paulo Coelho significa 9,46% do total. A da língua portuguesa é uma posição relativamente modesta se a compararmos com outras línguas europeias de menor projeção e mesmo com o impacto geopolítico e cultural, histórico e atual, de países matrizes dessas línguas, caso do dinamarquês, do sueco, do neerlandês, do norueguês ou do tcheco. A presença de Coelho se salienta ainda mais se tivermos em conta que nenhum autor em língua portuguesa

²⁴ Só possuímos dados desde 1979 a 2009 no Index Translationum, mas é período bastante para refletir a comunidade editora e leitora atual; podem aparecer algumas assimetrias, sempre em benefício de Coelho, o autor crescentemente mais traduzido.

aparece na lista dos 50 autor@s mais traduzid@s. E que do último de que é dada uma cifra, García Márquez (1.395), esta não dista muito da de Coelho, 1.095.

Tabela 1. Número de traduções dos dez autores em língua portuguesa mais traduzidos. (1979-2009)

	"TOP 10" Autor	
1	Coelho Paulo	1.095
2	Saramago José	530
3	Amado Jorge	420
4	Pessoa Fernando	373
5	Boff Leonardo	302
6	Queirós José Maria Eça de	191
7	Antunes António Lobo	189
8	Vasconcelos José Mauro de	115
9	Lispector Clarice	113
10	Machado de Assis Joaquim Maria	93

Fonte: *Index Translationum*, <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatexp.aspx?lg=2>

Esses dados manifestam uma posição que pode ser relativamente fiável do livro em língua portuguesa no mundo e da sua produção literária e permitem intuir o peso relativo de alguns impactos. O caso da língua portuguesa, se comparada com outras línguas, apresenta uma diversificação relativa muito baixa, com um autor próximo de 10% do total (9,46% de 11.566) e outro com 4,58%. Os seis brasileiros do TOP 10 representam quase 20% do total (18,485%) e próximos do 30% do total (29,57%) dos 10 do TOP. Isto quer dizer que, em concreto, Paulo Coelho ocupa quantitativamente um lugar de verdadeiro destaque dentro do intersistema de língua portuguesa no campo mundial atual, e que não são muitos os autores e obras dessa língua que ocupam posições relativamente centrais nesse campo em termos quantitativos, de volume de presença e potencial impacto. Como índice auxiliar, o

número de traduções para a língua de referência internacional, o inglês, é de 2.512; delas, Paulo Coelho representa, com 53, o 2,1% do total. Seguem-se Leonardo Boff, com 45; Pessoa, 33; Saramago, 30; Amado, 29; Eça de Queirós, 22; Machado de Assis; Clarice Lispector, 16; Lobo Antunes, 12 e José Mauro de Vasconcellos, 1.

3.2.2.1.2. O cânone brasileiro dos pares e do mundo universitário

Se compararmos tais dados com o cânone dos pares dominante, que podemos concretizar na Academia Brasileira de Letras, observamos que as distâncias são muitas: dos seis escritores brasileiros no topo das traduções, apenas estão *consagrados* (“Academia Brasileira de Letras”) Jorge Amado (desde 1961; vide, para a sua projeção e volume de vendas, Villarino Pardo, 2013) e Paulo Coelho (desde 2002), além do fundador, Machado de Assis; três não o estão: Clarice Lispector, Leonardo Boff (ensaísta, mas há e houve acadêmicos ensaístas na ABL...) e José Mauro de Vasconcellos, provavelmente por razões diversas, talvez todas na prática ligadas à questões de índole ideológica ou de distinção... Portanto, quanto a esses pares, é limitada a correspondência entre o cânone deles e o impacto de tradução e vendas no nível supranacional, mais se tivermos em conta que o número de acadêmicos nos 117 anos de história da ABL está nos 276 (até setembro de 2014) e que só metade do topo de autores traduzidos teve ou tem assento na ABL²⁵.

²⁵ É interessante reparar na consciência da marginalização e das lutas de legitimações de determinado tipo de autoras/es e textos, por parte deles/as no campo de produção restrita. Veja-se o caso de Coelho, no seu discurso de posse da Cadeira 21 da ABL (“Discurso de Posse”). Além de os ocupantes da Cadeira que o precederam, Coelho faz referência elogiosa e singular a três escritores, os quais fazem parte do que podemos denominar cânone social (ou do campo da grande produção, doutro ponto de vista) e estão no topo dos mais traduzidos, nestes termos:

a) Jorge Amado

“Não por acaso, Hoje, quase 40 anos depois, estou nesta tribuna, fazendo meu discurso de posse. O que era uma utopia de adolescente virou -- no início da década de 90 -- uma verdadeira heresia. Mas, como acontece com algumas heresias, esta também se transformou em realidade. Lutei por esse sonho, confiei em meus amigos, combati o bom combate e mantive a fé. Aprendi com Jorge Amado, o maior escritor brasileiro do século XX, o insubstituível, o grande, o generoso, o digno Jorge Amado, que as utopias são possíveis.

E hoje aqui com vocês, celebramos juntos.”

Note-se que Coelho afirma Jorge Amado, de ambígua posição no cânone e o autor mais traduzido do Brasil depois de Paulo Coelho, como o melhor escritor brasileiro do século XX: note-se o efeito de autoconsagração que de aí se deriva, porque, nos dois parâmetros (volume e posição complicada no tal cânone), Coelho ultrapassa Amado.

Outra comparação pertinente, dentro do campo de produção restrita, é a do cânone brasileiro acadêmico (o elaborado fundamentalmente nas universidades através de programas docentes e corpus de pesquisa) com os textos e autores mais lidos (especulando que existe uma correlação entre vendas e leitor@s, maior quanto menos *acadêmico* ou *escolar* seja o autor), dentro e fora do campo nacional: pouco a ver entre ambos. Se utilizarmos como parâmetros de canonização os seguidos por Laetitia Jensen Eble, no sentido de considerar os autores mais citados nos currículos Lattes dos pesquisadores da área de literatura brasileira, realizada em 2013 sobre a base do CV de 2.176 “doutores que se identificavam com a área de atuação ‘Letras’ e declaravam atuar profissionalmente na área de literatura brasileira”, as diferenças ainda se tornam mais notáveis: o primeiro lugar está ocupado por Machado de Assis (122 citações), seguido de Guimarães Rosa (100), e já com alguma distância, Clarice Lispector (63); Jorge Amado ocupa o lugar número 19, com 22 citações; J. Mauro de Vasconcellos e Paulo Coelho não aparecem. Devemos pôr de parte o caso de Leonardo Boff pela índole não literária do seu funcionamento e recepção; em todo o caso, Boff também não aparece.

Assim contemplado, é claro que o campo acadêmico não consegue impor os seus critérios de valor socialmente ou que estes não determinam as escolhas do conjunto populacional de leitores e leitoras; e isso apesar de contar com o aparelho escolar, em todos os níveis, como veículo forte de transmissão.

Exclusões e inclusões internas se sobressaem em comparação com a tradução: a soma das traduções dos outros cinco escritores brasileiros que aparecem

b) Logo, na continuação, José Mauro de Vasconcellos:

“Antes de terminar, gostaria de citar outros dois escritores que nunca conheceram a glória, mas que realizaram seu trabalho com dignidade e dedicação. Um deles jamais sonhou que um dia seu nome seria pronunciado nesta tribuna, e talvez alguns considerem isso anátema, mas não posso deixar passar a oportunidade: trata-se de José Mauro Vasconcellos. Jamais li um livro seu, mas não posso perder este momento único para agradecê-lo por ter levado seu trabalho aos quatro cantos do mundo, ajudando a mostrar às mais diferentes culturas o que existe na alma intensa e comovente do povo brasileiro.

O outro escritor (...) [é] Júlio César de Mello e Souza, conhecido por todos os seus leitores como Malba Tahan”,

autor de sucesso no exterior e no Brasil polos seus livros de contos orientais e de recreação matemática no âmbito infanto-juvenil.

no TOP-10 não alcançam o volume de Coelho, volume que ainda cresce se retiramos o caso da produção do teólogo Boff. Em termos de cânone brasileiro, o mundo acadêmico no seu conjunto rejeita, como sabemos, a obra de Paulo Coelho, por considerá-la de baixa qualidade (até, talvez, os estudos mais conhecidos sobre a sua obra literária são os que a denigrem); se considerarmos o grau de conhecimento desses autores ou o índice de leituras de textos deles, a distância de Coelho em relação ao resto não faria outra coisa do que aumentar. Em termos de cânone, o topo é ocupado, pois, por um autor não canonizado, seguido dum autor de posição canonizada complexa, Amado²⁶ e, excluindo Boff, por outro autor ainda mais controverso desse ponto de vista, José Mauro de Vasconcellos; os dois ‘indiscutíveis’, canonizados: Lispector e Machado de Assis, ficam a muita distância.

Quanto ao volume de recepção de textos, como vimos, existe alguma correlação entre o interior do sistema literário brasileiro e o âmbito suprasistêmico: Amado, Vasconcellos e, agora, Coelho, são autores que apresentam altos índices de procura relativos fora do Brasil e dentro do Brasil. O qual acrescenta a assimetria entre os processos de consagração internos e os processos heterônomos, dentro e fora do Brasil.

Um fato é claro: a academia não estuda o que é mais relevante para as pessoas, se usarmos como parâmetro o sucesso e procura de autores e obras, apesar dos mecanismos de imposição que possui (provavelmente, porque a doxa leva a que estudar é consagrar e poder contagiar-se do capital do que é estudado, e a auto-julgar-se e *acreditar-se* como uma espécie de resistência requintada do bom gosto e

²⁶ Convém lembrar os vários tipos de críticas recebidas por Jorge Amado, autor, segundo Gomes Germano (2012:21), cuja obra é “encarada” como “menor”, “exótica, ou mesmo repetitiva se comparada com a arte produzida por seus pares da chamada “Geração de Trinta”, com destaque para as composições de Graciliano Ramos, Rachel de Queirós e Érico Veríssimo”, sendo, aliás, os textos dele definidos como regionalistas (Gomes Germano), o qual é um modo de colocar sempre na periferia (é-se regionalista em relação a um centro); Carlos Loures (s.d.), fala de Amado receber a “acusação frequente” de que os seus romances “com enredos sólidos, bem construídos, têm uma tessitura formal pobre”. Jensen Eble (2013:152) recolhe a apreciação de Mello sobre Amado (Mello, 2012:109) que informa que “a maior parte dos críticos taxava as ‘personagens de Jorge caricaturais, estereotipadas e psicologicamente vazias’” e que “o conteúdo era considerado panfletário, machista, algumas vezes pornográfico e folclórico. Sua linguagem popular negava a literatura como arte e sua posição socialista era, na verdade, populista”. Amado em 1970, como lembra Jebson Eble (2013:146), citando Mello, 2012), ocupava a primeira posição entre os mais vendidos no Brasil, com 2,5 milhões de exemplares, atingindo em 1974 a marca de 10 milhões de exemplares. Segundo dados da editora Record, entre os anos de 1975 e 1997, Jorge Amado vendeu mais de 20 milhões de exemplares (Jebson Eble, 2013:152).

da qualidade do que tratam, frente à banalidade, ao mercado, ou a poderes econômicos ou políticos); a academia estuda o que ela (a sua tradição e os pares com maior capacidade de influência) considera relevante (dentro disso estabelecendo as suas hierarquias) para as funções e posições perseguidas de cada membro dela (homólogos dos escritores de tendência autônoma em relação ao campo que estudam), com os seus próprios parâmetros de medição, e em que não parece ocupar lugar importante determinado repertório e/ou volume de vendas ou projeção social como os representados por Coelho.

Naturalmente, a autonomia que possui permite a essa academia prosseguir nessa linha; mas isso conduz a deixar sem atender e explicar fenômenos muito mais relevantes no campo da cultura e no espaço social. O valor fundamental de bem que possui para os acadêmicos a proteção dum cânone; e o valor de ferramenta que a abordagem dele tem para legitimar as posições deles pode estar nos motivos dessas escolhas. A doxa que conduz a pensar na relevância do *métier* pode impulsionar por sua vez uma miragem, no sentido de tentar converter em corpus de objetos de estudo textos e autores pertencentes ao cânone acadêmico, levando mesmo a considerar que essa é “a literatura brasileira” no seu conjunto, por antonomásia ou relevância. São várias as armadilhas de que está semeado esse processo, que levaria a negligenciar a consideração de Vasconcellos ou Coelho por não estarem no tal cânone acadêmico e, mesmo assim, continuar invocando considerar a “literatura brasileira” no quadro mundial, sem precisar quais os critérios de seleção ou por que se obviam os potencialmente maiores impactos e os seus efeitos. Ao menos, quando se falar de “literatura brasileira” a partir do cânone acadêmico, esses mecanismos de exclusão deveriam ser explicitados e levados em conta, se o que se quer focar é o impacto da produção brasileira noutros sistemas, quantitativa e qualitativamente. Em termos de impacto e relevância, não há dúvida de que, se o pesquisador ou a pesquisadora quer conhecer o tipo e a quantidade da presença da literatura brasileira no mundo, deve enfrentar os casos de Paulo Coelho, José Mauro de Vasconcelos e Jorge Amado, de maneira prioritária. E o conjunto do mundo acadêmico deveria conhecer esses elementos para a sua análise e interpretação da projeção literária do Brasil.

3.2.3.2 Segunda questão: efeitos além do campo literário. O caso de *O Diário de um Mago*

Se coloquei os exemplos de Amado e Coelho é pela sua potencial incidência nos modos de olhar das pessoas, seja através dos textos ou de outras vias (filmes, telenovelas, documentários, artigos, bandas desenhadas, etc.) que podem veicular. Públicos adultos ou adolescentes podem vir a ter uma determinada ideia da Bahia, através desses textos; e não apenas: os textos podem portar diferentes visões sobre o modo de ser da comunidade a que os autores pertencem (aqui, a Bahia/ o Brasil, no caso de Amado) pelos assuntos que focam, o modo em que o fazem, e o conjunto de relações que apresentam nos seus repertórios. E podem constituir também instrumentos ativos na configuração de ideias sobre a vida das pessoas que os leem. Em minha opinião, há um vastíssimo campo de pesquisa, eficaz e útil, nestas dimensões, tentando responder perguntas genéricas do tipo em qual medida têm os textos a ver com as vidas das pessoas? Em qual medida esses textos e autores geram imagens sobre a comunidade originária deles ou sobre outras comunidades vinculáveis pelas pessoas receptoras a esses textos? Em qual medida essas imagens incidem nas práticas culturais e nas opiniões e decisões das pessoas em relação a essas comunidades? As pessoas elaboram as suas apreciações e conhecimentos sobre determinadas realidades a partir desses textos e autores? O repertório desses textos move a consumos relacionados com esses países e a qual tipo de consumos? Move as pessoas a visitar espaços que relacionam com os textos e/ou com os autores? (Obviamente, isto não implica que, necessariamente, os textos tenham referências geo-culturais concretamente vinculadas ao espaço de origem do escritor nem, em geral, que os seus materiais alusivos à esfera geo-cultural tenham referências concretas: fazem parte dum imaginário que a pessoa receptora pode vincular a determinados espaços geo-culturais concretos). Por exemplo, ainda: a configuração de Salvador de Bahia como bem e produto cultural, como oferta, tem a ver com a narrativa de Jorge Amado, direta ou indiretamente? Pessoas que visitam Salvador conformaram a sua imagem sobre essa cidade e comunidade com alguma base nos textos de Jorge Amado? Há pessoas visitando a Bahia por ser a terra originária de Jorge Amado e/ou por ele falar dela nos seus textos?

3.2.3.2.1 Efeitos da obra e da trajetória de Paulo Coelho como fabricante de ideias: O caso do Caminho de Santiago

Por várias razões, vou reter breve e particularmente aqui o caso de Paulo Coelho porque ele oferece outras dimensões a considerar: dos autores brasileiros com maior número de vendas, é o que mais vende e é o único autor vivo; os exemplares dos seus livros adquirem-se por milhares em diversas partes do planeta, sendo a sua uma das obras com maior sucesso de vendas no mundo na atualidade, se compararmos cifras de best-sellers. *O Alquimista*, estaria no lugar número 11 (“List of the Best-selling books”) ou 13, contando a *Bíblia* e o *Corão* (Gabrianowski, “The 21 Best-selling Books”), dos livros mais vendidos de todos os tempos, segundo alguma fonte.

Certas consequências desse fenômeno são que, no presente, e provavelmente ainda no futuro imediato, assuntos relacionados com Paulo Coelho conhecem e vão conhecer um relevo relativa e comparativamente grandes, tendo em conta outros/as autores/as brasileiros/as, e que circunstâncias da sua vida geram determinados atrativos entre fãs, meios ou instituições que dela possam se beneficiar; o seu *facebook* (“Facebook- Paulo Coelho”), iniciado em 2007, tinha, a 1 de abril de 2015, 25. 314. 954 de “curtidas” às 10.30, hora portuguesa. E, na mesma hora e dia, o Twiter [@paulocoelho](#) apresentava 9.960.556 seguidores.

Coelho mantém (primavera de 2015) um blogue ativo; e criou a “Fundação Paulo Coelho” conjuntamente com a sua mulher, Christina Oiticica, em cuja “Apresentação” podemos apreciar a vontade de presença e permanência da sua obra e trajetória (“Fundação Paulo Coelho”):

Creio que, se meu trabalho resistir ao tempo, sempre haverá curiosidade em saber como vivi os dias que me foram dados caminhar na face da terra. Meus manuscritos. Meus diários. Os recortes de imprensa. As cartas dos leitores. E por aí vai. Portanto, eu e minha mulher, a pintora Christina Oiticica, resolvemos criar uma Fundação onde todo este material poderá ser acessado.

Condizente com nosso tempo, entendemos que um local físico não basta - a pesquisa seria limitada àqueles que podem vir até Genebra, onde estamos instalando a Fundação Paulo Coelho (abertura em 2014). Assim, decidimos colocar todo o material na nuvem.

Nessa página, em 1º. de abril de 2015, havia 44.427 comentários; na alínea de “Teses e Trabalhos” 17 e 6 respectivamente, nenhum deles, tese de

doutoramento; apenas três podendo ser consideradas como pré-teses: uma assimetria eloquente.

Podemos, pois e deste ponto de vista, considerar Coelho um agente social de bastante relevância e observar a existências de várias dimensões do atrativo da sua obra ou pessoa, além dos textos em si mesmos e que reforçam estes. E isso repercute eventualmente na visão sobre o Brasil e sobre a literatura e a cultura brasileiras.

3.2.3.2.1.1 O *Diário de um Mago*, o Caminho e a cidade de Santiago de Compostela

Em finais de oitenta, o romance de Paulo Coelho, *O Diário de um Mago* (1987; em adiante, *DM*), começa a ter um êxito crescente, primeiro no Brasil, por si e pela atração que um outro romance dele, *O Alquimista* (1988, cujo protagonista se chama Santiago; nas primeiras edições de um e outro romance, um aviso na capa alude a Paulo Coelho como autor do outro texto).

Não possuo dados fiáveis sobre o volume de leitores/as e vendas de um livro mesmo acessível na rede hoje (2001b); parece claro que estas podem contar-se por milhões, sobretudo no mercado brasileiro mas também em outros europeus, como fundamentalmente Espanha ou França. Do livro já foram vendidas 40.000 cópias até junho de 1988 (Morais, 2008: 476).

Em 1989, *DM* e *O Alquimista* alcançavam o topo da lista dos mais vendidos no Brasil (Alzer e Claudino, 2004: 121). No ano 1995 ultrapassavam as cem edições. Em 1998, Coelho era “um dos 15 autores mais lidos do mundo, frequenta a lista de best-sellers de 18 países. Seus livros estão traduzidos em 74 países e 39 idiomas” (Moraes: 1999). Nesse ano, em Abril, a revista *Veja* (Camacho, 1998) informava que estava à beira de chegar a um milhão de exemplares vendidos de toda a sua obra na Inglaterra e no Japão; milhão que era largamente ultrapassado nos Estados Unidos e na Itália, superando os quatro milhões na França. Tudo sem contar as 8.000.000 de cópias que, até 2008, calculava o seu biógrafo, circulavam

ilegais pelo mundo (Morais, 2008: 53). Em 2015, a Agencia Literaria S. Jordi Asociados (“Pilgrimage”) informava que foram vendidos direitos do livro para 38 línguas (entre os quais o chinês complexo e simplificado, o árabe, alemão, inglês, francês, indonésio, japonês, russo e espanhol) e d’O *Alquimista* (“Alchemist”) para 80.

Também o capital simbólico de Coelho foi crescendo; só até o ano 2000, segundo uma das suas páginas oficiais (“Paulo Coelho”, 2007) atingira:

"Prix Lectrices d'Elle" (France '95); "Knight of Arts and Letters" (France '96); "Flaiano International Award" (Italy '96); "Super Grinzane Cavour Book Award" (Italy '96); "Golden Book" (Yugoslavia '95, '96, '97, '98); Finalist for the "International IMPAC Literary Award" (Ireland, '97); "Comendador de Ordem do Rio Branco" (Brazil '98); "Crystal Award" World Economic Forum ('99); "Golden Medal of Galicia" (Spain, '99); "Chevalier de L'Ordre national de la Legion d'honneur" (France 2000) ; "Crystal Mirror Award" (Poland 2000).

3.2.3.2.1.1 Elementos do repertório de *DM*

O livro está dividido em 26 capítulos. A julgarmos por como é apresentado, algumas coordenadas parecem constituir-se como constantes de leitura: a procura/transformação individual, a concepção religioso-mística da vida, a procura da felicidade. As edições primeiras e, conseqüentemente, as companhias dedicadas à venda de livros, utilizam essa fórmula, nos vários idiomas segundo as traduções (We Read, s.d.)²⁷:

Durante 3 meses, Paulo Coelho cruzou a pé os quase 700Km que separam o sul da França da cidade de Santiago de Compostela, na Galícia. Esta é a história de um homem em busca dos mistérios sagrados da Magia, seu surpreendente encontro com um guia italiano, as experiências místicas conhecidas como As Práticas de RAM, e a peregrinação através de um dos três caminhos sagrados da Antiguidade - O Estranho Caminho de Santiago...

Nas diversas traduções, foi também adotado no próprio título alusões à peregrinação, fazendo crescer assim a referencialidade do Caminho e a identificação iniciática deste, que pode ser verificada em meios de difusão de massas, como a

²⁷ Nas primeiras edições brasileiras, a capa é de fundo negro e uma Cruz de Santiago em cor branca ocupando a parte central da capa, entre o nome do autor e o título (“656”, 2010). Posteriormente, em diferentes edições e países, foram sendo escolhidos outros motivos jacobitas (como a vieira) ou paisagens, caminhos na floresta ou no campo.

Wikipedia (“Diário”, s.d.; “The Pilgrimage”, s.d.) ou em apresentações de versões como a da língua inglesa (Coelho, “The Pilgrimage”, 2008). A versão em espanhol do *El Peregrino* (título da versão estendida em Latinoamérica; vide, por exemplo, as edições da Planeta: Coelho, 2010) acentua o sentido misterioso reiterado do Caminho de Santiago (em adiante, CS). A unanimidade sobre as condições mística e iniciática e de autoajuda do romance estende-se praticamente à sua definição como esotérico. Ele mesmo vendeu publicamente *DM* vinculando-o à magia efetiva e ao esoterismo e quis que funcionasse como tal (Morais, 2008: 472, 476, 479). E âmbitos genéricos (buscadores como Google, por exemplo) coincidem na mesma ideia. Vários autores têm visto nesse caráter elementos do sucesso de Coelho (Janilto Andrade, 2004; Mário Maestri, 1999; vide Torres Feijó, 2011).

Progressivamente, Paulo Coelho foi tentando retirar as possibilidades de recepção viradas para as categorias de ocultismo e esoterismo (cf. nota 27) e aproximá-las de uma leitura em consonância com a ortodoxia da Igreja Católica e com algumas das linhas traçadas pelo Papa João Paulo II²⁸ (caracterização de Santiago de Compostela e, sobretudo, o Caminho e a peregrinação como um histórico elemento articulador da Europa; identificação do cristianismo como raiz da identidade e a coesão europeias e a identificação de Santiago, do Apóstolo e do Caminho como meta e processo de conversão e superação católicas. *DM* é apresentado quase sistematicamente sob estas coordenadas: procura/transformação individual; concepção religioso-mística da vida; procura da felicidade -- Torres Feijó, 2012; mais por extenso em 2011). Quatorze anos depois da primeira edição, Coelho publicará um texto introdutório para as edições seguintes de *DM* que evidencia as direções da crítica a que o romance estava sendo submetido: o da insinceridade e a farsa e a do esoterismo e o ocultismo [“Durante todos estes anos, tenho escutado todo tipo de comentário a respeito de minha peregrinação; desde que a fiz inteiramente de táxi (imagine o preço!²⁹) até que tive a ajuda secreta de

²⁸ Maestri salienta que “na literatura coelhista sempre houve uma clara tentativa de fundir as crenças esotéricas com o cristianismo conservador” (Maestri, 1999: 86); para ele é característica do seu esoterismo a “estreita adesão ao catolicismo romano oficial, despido do seu fundo ameaçador e moralizador” (69).

²⁹ Em concreto, preocupa-se, na biografia oficial, de tentar provar que ele fez efetivamente o CS, particularmente tentando denunciar a atitude de um taxista que comentava ter levado no seu carro o

algumas sociedades iniciáticas (imagine a confusão!).” E as contesta dando provas de que nem uma coisa (fala da sua “Compostela”, certificado que só é dado pela Igreja Católica a quem faz o Caminho por mais de 100 quilômetros a pé, ou 200 de bicicleta ou montado num animal: “La credencial del peregrino”) nem a outra são verdade, precisando indiretamente a leitura do epílogo, invocando outra vez de forma implícita o seu contributo ao Caminho e mostrando arrependimento por ter utilizado algumas metáforas que induziam a confusão:

É melhor deixar assim: como Petrus não precisava saber o que faria com minha espada, os leitores não precisam ter certeza se fiz ou não a peregrinação: desta maneira, buscarão a experiência pessoal, e não aquilo que eu vivi (ou não?). Fiz a peregrinação apenas uma vez e mesmo assim, não a fiz por completo; terminei no Cebreiro, e peguei um ônibus até Santiago de Compostela. Muitas vezes penso nesta ironia; o texto mais conhecido sobre o Caminho, neste final de milênio, foi escrito por alguém que nunca o fez até o final. Vi pelo menos uma profecia ser cumprida; recentemente estive em Foncebadon, e a cidade está revivendo, com várias construções. Utilizei algumas metáforas em *O Diário de um Mago*, que terminaram sendo confundidas como realidade pelos leitores. Me arrependo de ter colocado parte do ritual do mensageiro, mas jamais mudei um livro depois de publicado, e este não seria a exceção. Paulo Coelho Jardim Massey, Tarbes, França, dia 1º de junho de 2001.

Quanto à questão Caminho de Santiago/cidade de Santiago de Compostela, na sistematização repertorial de *DM* em relação à identidade e à cultura realizada por Antia Cortizas Leira (2008) sobre sete parâmetros: “Questão Linguística ou tratamento da língua”, “Memória, genealogia e origens”, “História”, “Tradição, lendas e crenças”, “Espaço e paisagem”, “Hábitos, costumes e alimentação” e “Motivações e expectativas de viagem”, o resultado, em síntese, é o seguinte: não aparecem valorizações nem reflexões sobre línguas e comunidades no CS. A não atenção à(s) língua(s) estende-se mesmo a outros âmbitos culturais: o autor refere-se aos cruzeiros espalhados ao longo de todo o caminho como “rollos” (1991: 129). No que diz respeito à memória, genealogia ou origens que para o autor, também como brasileiro, a Galiza podia representar, elas são inexistentes.

A História recebe maior atenção, através da sua visão da Rota Jacobea, as suas origens e significação assim como alguns apontamentos da História do Estado Espanhol. Repassa-se origem e significado do CS (Coelho, 1991: 22-23), alude-se a

Paulo Coelho no CS e, em geral, as que considera mentiras e insídias vertidas sobre a sua pessoa em relação a isto (Morais, 2008: 458).

elementos que ajudaram na sua mi(s)tificação: Via Láctea, Aymeric Picaud, Carlos Magno, *Codex Calixtinus*, *Liber Santi Jacobi*, Les Amis de Saint-Jacques, etc., fundamentalmente medievais, nem sempre vinculados ao Caminho, caso do El Cid, (1991: 52, 61, 62). Alude-se a episódios vinculados à Guerra Civil espanhola (1936-1939) e as suas consequências (1991: 101, 165; alguma cuja veracidade é controversa, 1991: 84), “utilizados para conduzir a história e dotá-la desse caráter mais antigo, mítico e ‘primitivo’, caracterizado pelas pegadas que o tempo e a História foi deixando ao seu passo”, afirma Cortizas (2008).

Cortizas Leira salienta a Idade Média como uma das constantes do livro, onde se originaria a tradição de “ritos, lendas e exercícios que ele irá aprendendo e realizando ao longo do seu caminho, e ainda por ser quando tem o seu esplendor a Ordem dos Templários, elemento mitificante e mitificado em todo o relacionado com o Caminho, os mosteiros e os ritos de consagração espiritual”.

Desse ponto de vista, Cortizas indica que a tradição, lendas e crenças é uma “das principais linhas temáticas e fio argumental da história”, “pois a própria congregação a que o autor diz pertencer logo no início do livro e seguir os seus postulados recebe o nome de ‘Tradição’ (título, aliás, de um dos Capítulos, 1991:203, reforçando o vínculo entre Tradição e esoterismo). Esta congregação ele mesmo define como (Coelho, 1991: 1³⁰) “a grande fraternidade que congregava as ordens esotéricas em todo o mundo”, o que mais uma vez nos remete para a universalidade e a condição de que a história que aqui é contada é para todo o mundo (ibid: 1991: 15). A associação entre história, crença e mito é reiterada, nas explicações do nome Compostela (ibid: 1991: 22) ou na narrativa do milagre que se conta que aconteceu no Cebreiro (ibid, 1991: 241). Objetos tradicionais dos peregrinos estão presentes já desde o início (1991:26-27) também utilizados simbolicamente como mecanismos de autoidentificação entre eles. A paisagem aparece como variada e contrastada ao longo do CS em determinadas ocasiões (Coelho, 1991: 242-243), tendo como funções refletir estados de ânimo e de espírito e servir de apelo, diálogo ou pista para o caminhante, dotando mais uma vez o texto de “um caráter mágico e universalista”. A toponímia não é cuidada (há erros em vários topônimos), e o seu uso é apenas referencial da passagem por eles e

³⁰ Esta de 1991 é a edição utilizada por Cortizas Leira, que aqui optamos por conservar.

justificativo da tradição e antiguidade do CS, usando amiúde um tom ruralista e de simplicidade ao aludir a eles, reforçando o sentido antigo do fenômeno do Caminho e o simples como elemento de profundidade da mensagem do livro (o texto vincula sistematicamente pessoas simples, as práticas de RAM e o iniciático para atingir o “verdadeiro Conhecimento”, 1991: 35): “As práticas de RAM são tão simples que as pessoas como você, acostumadas”.

As alusões aos hábitos, costumes e alimentação das comunidades por onde passam são raros e generalistas, exceto a narrativa de um casamento (título de um capítulo) ou a justificação da «siesta» (Coelho, 1991: 23, 57, 79). A vinculação entre alimentos, gastronomia e comunidades é também pouco abundante; quando aparece é em conjunto e não surge destacada positivamente (1991:99). Aparecem elementos comuns («pão com azeite», «café preto» ou «café com leite» e «vinho», costumando o da Rioja, no entanto, aparecer positivamente aludido) e não caracterizados como fundamentais e alusões a refeições sem pormenores nem vínculos ao local (1991: 39, 44, 70, 204). Há alguma apreciação sobre o mau atendimento em algum lugar (1991: 77) e só em duas ocasiões, a gastronomia aparece como tal, salientada positivamente, em Estella (Navarra), vinculando-a aos comentários de Aymeric Picaud no *Liber Sancti Iacobi* (ibid, 1991: 80) e em Astorga (Leão), aos “biscoitos amanteigados” (1991: 161).

Já no que diz respeito às motivações e expectativas de viagem, Cortizas salienta, ainda, uma ocasional “complacência ou mais bem resignação, ou até de um implícito sentimento de culpa”, cuja expiação permitirá chegar ao verdadeiro poder do “Conhecimento”, expressão utilizada no livro.

Como indicamos, vários autores têm visto no caráter esotérico do livro elementos do sucesso de Coelho (Janilto Andrade, 2004; Mário Maestri, 1999). Mário Maestri julga, entre as razões desse sucesso (1999: 42) de *DM*, o seu “*happy end* consolador” e o fato de o esoterismo da obra encontrar “um largo caldo de cultivo no Brasil”; e considera o conjunto do livro como “consultor espiritual” (59) e “manual de autoajuda” (59 ss.). Para Maestri, o contexto de crise capitalista é um bom quadro para o desenvolvimento do romance e o autor (82):

compreendeu igualmente que sua produção literária só pôde sair do gueto subcultural em que se encontrava quando as esperanças da Humanidade na razão pareciam sufocar,

definitivamente, sob as ruínas do Muro de Berlim. Então, nesse mundo de esperanças e vidas esfaqueadas, sua ficção pôde sair da toca, alçar um grito de vitória, conquistar incessantemente um público, primeiro nacional, a seguir internacional, ideologicamente preparado para ela.

O livro tem sido bastante criticado por especialistas brasileiros. Janilto Andrade, por exemplo, comenta *O Alquimista* utilizando parâmetros que, na sua generalidade, poderiam ser aplicados a *DM*. Nele aponta (Andrade, 2004: índice), como Maestri faz no *Diário*, “contradições e inverossimilhanças”, “impropriedade discursiva”, “pobreza poética” e “fórmulas kitsch”, vazio quanto ao “debate político-ideológico”, qualificando-o de “ópio literário” e considerando-o como uma “refração da realidade” (todas estas expressões sendo títulos de capítulos do livro, 2004:7). Nisto e no que julga uma literatura trivial e multiculturalista (51), e de “arrivismo burguês” (68) e “vileza alienante místico-pequeno-burguesa” (69) cifra o sucesso de Coelho³¹. Em boa medida, Stephen M. Hart (2004) apresenta uma visão mais benevolente que a formulada pelos seus colegas brasileiros (Wasserman entende esse artigo como “defense” do *O Alquimista* -- 2014:89), considerando que a adaptação dos métodos do denominado “realismo mágico” estão na base do sucesso de *O Alquimista*. A própria Renata R.M. Wasserman (2014:97) coloca uma hipótese bem interessante sobre a internacionalização da obra de Coelho, que pode ser estendida ao debate ou ao estudo sobre formas, ideias e conteúdos, de repertórios, da denominada “literatura mundial” como ponto de partida, ao entender que ela, a obra de Coelho: “avoids the tension by planting itself in a kind of universal language of sentiment that it easily captured and smoothes out, or even avoids, the tension of the encounter with the specifically foreign by offering a generic foreignness sanctioned into a universality of feeling”.

Mas o contraste das críticas a Coelho e à sua obra é evidente com o reconhecimento recebido por ele, não apenas pelas editoras que editam o texto e o número de pessoas que o adquirem. Também do ponto de vista institucional, Coelho tem atingido uma posição relevante, como veremos.

³¹ Para uma síntese de alguns textos críticos acadêmicos sobre a obra de Coelho, pode ver-se Torres Feijó, 2014b: 440-441.

Este tipo de leituras, críticas e reconhecimentos, será fortemente reforçado pela saída, um ano depois, de *O Alquimista* (1988). A mais recente edição em língua inglesa (2014) apresenta-o assim:

The Alchemist has inspired a devoted following around the world. This story, dazzling in its powerful simplicity and inspiring wisdom, is about an Andalusian shepherd boy named Santiago who travels from his homeland in Spain to the Egyptian desert in search of a treasure buried in the Pyramids.

No one knows what the treasure is, or if Santiago will be able to surmount the obstacles along the way. But what starts out as a journey to find worldly goods turns into a discovery of the treasure found within.

Lush, evocative, and deeply humane, his story is an eternal testament to the transforming power of our dreams and the importance of listening to our hearts.

O Alquimista tem por protagonista um pastor andaluz de nome Santiago (que *peregrina* às Pirâmides do Egito), referenciável com facilidade ao apóstolo Santiago, à cidade e, sobretudo, ao Caminho de Santiago, ainda mais sabendo que o livro trata duma viagem e que o romance anterior, *O Diário dum Mago*, tem o Caminho de Santiago como espaço referencial fundamental (como foi indicado, desde os inícios, aliás, *O Diário de um Mago* vendeu-se anunciando em algumas edições na capa que o autor do livro era também o autor de *O Alquimista*; e vice-versa). N’*O Alquimista* há duas referências ao apóstolo Santiago, as duas vinculáveis ao “Santiago Matamouros”, uma imagem e uma iconografia menos frequentes na atualidade (ainda que seja uma apreciação subjetiva, podemos inferir que é uma imagem cujo uso resulta pouco atrativo para as autoridades políticas e religiosas na sua promoção do Caminho de Santiago e de Santiago de Compostela³²; ela

³² Também o “Himno a Santiago Apóstol” que é cantado em momentos solenes de celebrações religiosas na catedral de Santiago não é muito difundido, talvez por similares razões: (“Himno”):

Santo Adalid, Patrón de las Españas,
Amigo del Señor:
Defiende a tus discípulos queridos,
Protege a tu nación.
Las armas victoriosas del cristiano
Venimos a templar
En el sagrado y encendido fuego
De tu devoto altar.

Firma y segura
Como aquella Columna
Que te entregó la Madre de Jesús,

praticamente não aparece explicitada em caso nenhum) e que, precisamente, é evocada pelo protagonista em duas ocasiões na obra referida, com algum olhar crítico, na primeira sentindo-se “mal e terrivelmente só” vendo as pessoas árabes num bar que lhe lembram aquelas que via na imagem do santo na igreja da sua aldeia sob as patas do cavalo; na segunda, vendo como inversão de Santiago o cavaleiro árabe que impacta com ele e que tem sob os seus pés, com a espada, curva, alçada, o alquimista (“O Alquimista”, s.d.).

3.2.3.2.1.2. Configuração das visões sobre espaços e grupos geo-culturais como programa de estudo. Paulo Coelho, Santiago de Compostela e o Caminho de Santiago

Perspectivada como possibilidade de influenciar visões e pontos de vista das pessoas e das comunidades, a literatura, como é sabido, apresenta muitas ideias, a que estudiosos da imagologia e da literatura comparada têm dado atenção; ideias que se convertem em hipóteses para um trabalho empírico e contrastativo. Das várias vertentes possíveis, quero insistir aqui naquelas que afetam diretamente as comunidades nos usos ou nas configurações das mesmas; mais em concreto, nos efeitos ou informações que alguns textos de Paulo Coelho apresentam para as comunidades que foca e para a sua comunidade de origem. Ainda mais em concreto, no vinculado ao Caminho de Santiago.

Será en España
La Santa Fe cristiana,
Bien celestial que nos legaste Tú.

¡Gloria a Santiago,
patrón insigne!
Gratos, tus hijos,
Hoy te bendicen.

A tus plantas postrados te ofrecemos
La prenda más cordial de nuestro amor.
¡Defiende a tus discípulos queridos!
¡Protege a tu nación!
¡Protege a tu nación!.

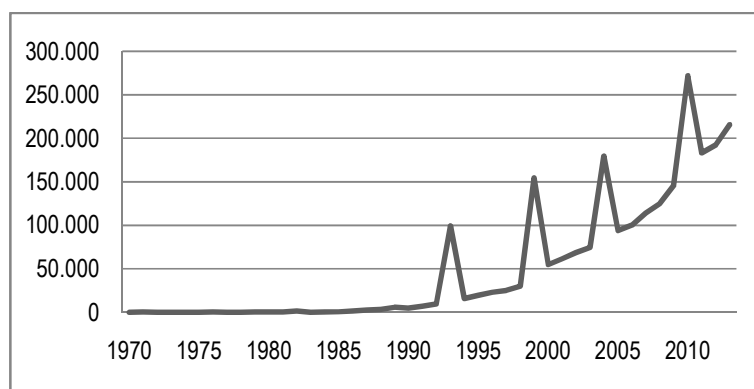
Verificamos parágrafos atrás o potencial alargado que a obra de Coelho apresenta. Com *O Diário de um Mago* e outras atuações diversas posteriores, Paulo Coelho converteu-se provavelmente num dos obreiros fundamentais da ideia atual (finais do século XX, inícios do século XXI) do Caminho de Santiago e de Santiago de Compostela, que desde 1993 conhece um impulso qualitativa e quantitativamente forte (Torres Feijó, 2011); ou, mais certamente, a sua obra pode relacionar-se com visões e práticas que pessoas têm em relação a Santiago de Compostela e aos Caminhos a Santiago. Observemos as seguintes Tabela e Figura, com dados das últimas décadas de Anos Santos, como a Igreja Católica denomina os Anos em que o 25 de julho, que, no Santoral Católico, é o Dia de Santiago, coincide em domingo (cada cinco, seis e onze anos):

Tabela 1. Número total de peregrin@s de 1970 a 2013

ANOS	PEREGRINA/OS	ANOS	PEREGRINA/OS	ANOS	PEREGRINA/OS
1970	68	1985	690	2000	55.004
1971	451	1986	1.801	2001	61.418
1972	67	1987	2.905	2002	68.952
1973	37	1988	3.501	2003	74.614
1974	108	1989	5.760	2004	179.944
1975	74	1990	4.918	2005	93.924
1976	243	1991	7.274	2006	100.377
1977	31	1992	9.764	2007	114.026
1978	13	1993	99.436	2008	125.141
1979	231	1994	15.863	2009	145.877
1980	209	1995	19.821	2010	272.135
1981	299	1996	23.218	2011	183.366
1982	1.868	1997	25.179	2012	192.488
1983	146	1998	30.126	2013	215.880
1984	423	1999	154.613		

Fonte: Jacobeo.net (em carregado os Anos Santos)

Figura 1. Evolução temporal dos peregrinos a Santiago (1970-2013)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados Jacobeo.net.

Como pode verificar-se, o Caminho é, no que diz respeito a tempos recentes, um fenômeno importante desde 1993. Os peregrinos não parecem representar na atualidade mais de 10% das pessoas visitantes à cidade, mas configuram e condicionam fortemente a imagem dela e as práticas culturais associadas a essa imagem (Bello Vázquez, 2015; Torres Feijó, 2015b). Na nota que acompanha as edições de *DM* desde 2001, “Quinze anos depois...”, (Coelho, 2001a e 2001b), Paulo Coelho mostrava-se, como vimos, artífice do auge da peregrinação e até do desenvolvimento de áreas por onde passa.

Provavelmente, Coelho tinha razão; não temos dados que nos permitam estabelecer um histórico de visitantes do Brasil a Santiago mas os que temos dos últimos anos apresentam um peso relativamente importante. O turismo brasileiro em Santiago cresce:

Tabela 2. Viajantes do Brasil e pernoitas em Santiago de Compostela (2010-2012)

	2010		2011		2012	
	Brasil		Brasil		Brasil	
	Viajantes	Pernoites	Viajantes	Pernoites	Viajantes	Pernoites
TOTAL	6.651	10.451	12.539	18.638	13.993	19.638
	704.108	1.430.184	544.311	1.142.474	539.551	1.064.961
	0,94	0,73	2,30	1,63	2,59	1,84

Fonte: Encuesta de ocupación en alojamientos turísticos (Establecimientos hoteleros). Datos definitivos 2010, 2011. Datos provisionales 2012 (dados solicitados ao INE espanhol em 2013)

E conserva, em conjunto, o peso maior dentro do mundo americano, ainda que os USA estejam por cima no último dos anos (2012) de que temos dados:

Tabela 3. Viajantes do Brasil a Santiago de Compostela (percentagens 2008-2012)

Continente americano	Ano 2008	Ano 2009	Ano 2010	Ano 2011	Ano 2012
Total América	6,1%	6,3%	9,4%	7,4%	11,1%
Brasil	2,2%	1,6%	4,4%	2,5%	2,8%
México	0,8%	0,6%	0,9%	0,8%	0,8%
Estados Unidos	0,6%	1,4%	0,8%	0,9%	2,9%
Argentina	1,0%	0,6%	0,8%	0,6%	1,4%
Resto da América	1,5%	2,1%	2,5%	2,6%	3,2%

Fonte: ESTUDO DEMANDA TURÍSTICA SANTIAGO DE COMPOSTELA. CETUR. Valores percentuais sobre o total de visitantes de Santiago.

Quanto à peregrinação, o Brasil também se destaca nos últimos dez anos, tendo quase chegado a representar 20% do total do continente americano (ainda que, para o conjunto, se observe o crescente peso dos países anglo-saxônicos, nomeadamente USA e Alemanha):

Tabela 4. Comparativa de peregrin@s do Brasil a Santiago de Compostela (2004-2013. Valores absolutos e percentagens)

DADOS ABSOLUTOS

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
BRASIL	1.439	1.163	1.172	1.395	1.365	1.248	2.121	1.983	2.229	2.431
TOTAL	179.944	93.924	100.379	114.026	125.141	145.848	272.135	183.362	192.488	215.864
AMERICA	7.757	6.072	6.226	7.211	7.420	8.272	13.379	11.961	16.176	21.053
TOTAL EXCETO U.E.	10.096	8.598	9.155	11.440	12.637	13.740	20.356	19.885	26.501	33.130

PERCENTAGENS DE PEREGRINAS/OS BRASILEIRAS/OS

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
BRASIL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
TOTAL	0,80	1,24	1,17	1,22	1,09	0,86	0,78	1,08	1,16	1,13

AMERICA	18,55	19,15	18,82	19,35	18,40	15,09	15,85	16,58	13,78	11,55
TOTAL EXCETO U.E.	14,25	13,53	12,80	12,19	10,80	9,08	10,42	9,97	8,41	7,34

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da “Oficina del Peregrino” – Arzobispado de Santiago de Compostela peregrinosantiago.es/esp/servicios-al-peregrino/informes-estadísticos/.

Segundo os nossos dados³³, indiciários, existe uma convergência grande entre a interpretação do Caminho e de Santiago de Compostela feita pelos visitantes do Brasil e as ideias veiculadas por Paulo Coelho nas suas intervenções e textos. Quer dizer, o repertório de *DM* que antes sintetizamos condiz em boa medida com as visões e as práticas culturais das pessoas procedentes do Brasil visitantes de Santiago de Compostela³⁴.

E, em geral, essa convergência da linha de Coelho com o discurso e os interesses de instituições internacionais relevantes é, igualmente, evidente e singular. Coelho pertence ao Board do Instituto Shimon Peres para a Paz, é Conselheiro Especial da UNESCO, com quem colabora (UNESCO, s.d.b e s.d.c) para “Diálogos Interculturais e convergências espirituais”. Em setembro de 2007, a ONU nomeou-o “Mensageiro da Paz”, com anúncio feito “durante a cerimônia de comemoração do Dia Internacional da Paz na sede da ONU em Nova Iorque presidida pelo secretário-geral da entidade, Ban Ki-moon (“ONU nomeia”, 2007). É também “Embaixador da União Européia para o Diálogo Intercultural para o ano de 2008” (“European Commission”, s.d.). Baste indicar, para o caso da Galiza, que Paulo Coelho recebeu em 1999 a alta distinção da Medalla de Ouro que outorga o governo galego; e na reconstrução bibliográfica dele feita por Fernando Morais este lembra que, pela sua ação de promotor do Caminho de Santiago, o “governo de Galícia [na realidade, a Câmara Municipal de Santiago] batizou de ‘Rua Paulo Coelho’ uma das artérias de Santiago de Compostela, ponto final da peregrinação”

³³ No projeto “Discursos, imagens e práticas culturais sobre Santiago de Compostela como meta dos caminhos de Santiago”, temos um conjunto de 385 entrevistas quantitativo-qualitativas e 60 entrevistas em profundidade a visitantes brasileiros a Santiago, entre 26 de março de 2013 e 25 de março de 2014, ininterruptamente, e os dados apontam para isso, embora não sejam definitivos, estando pendentes de classificação e análise definitivas.

³⁴ No ano 2016 esperamos estar em condições de oferecer dados e análises neste sentido.

(Morais, 2008: 21; também 453-454), recebendo a homenagem da Câmara Municipal (Cuiña, 2008³⁵).

Paulo Coelho prolonga em vários dos seus produtos e das suas ações os vínculos com o Caminho de Santiago, por exemplo através da reutilização da simbologia associada ao itinerário. Ele usa imagens referidas à peregrinação em vários dos seus empreendimentos e atividades. A sua última visita a Santiago antes referida é uma delas. No seu blogue oficial, na alínea, “A Minha Vida em 750 GB”, alude à criação do Instituto Paulo Coelho (“Instituto Paulo Coelho”), “uma instituição sem fins lucrativos, financiada exclusivamente pelos direitos autorais do escritor [“A idéia central não é fazer caridade, mas dar oportunidade as camadas menos favorecidas e excluídas da sociedade brasileira. Desta maneira, o Instituto concentra sua verba em: a) Infância/ b) Terceira Idade”], publicando uma fotografia dele com crianças com uma capa curta imitando a que é usada como emblema dos peregrinos a Santiago e com uma concha de vieira, símbolo da peregrinação jacobea (“A Minha vida”). Os usos e divulgação das suas ideias sobre o Caminho são diversos e espalham-se por documentários (caso do dvd da *Revista Viagem*, editada pela *Abril*, “Paulo Coelho e o Caminho de Santiago”), entrevistas (“Paulo Coelho: Minha busca espiritual passa por um questionamento diário”) e outros blogues, como o dum alberguista brasileiro no denominado Caminho Francês que garante transmitir a Coelho as mensagens das pessoas a ele dirigidas via o blogue (“Albergue de peregrinos”).

Sempre no âmbito da relação com o Caminho de Santiago, as suas ações públicas ou semipúblicas a ele ou à cidade vinculadas continuam gerando impacto: a sua chegada à cidade de Santiago de Compostela para celebração duma festa privada por motivo do dia que a Igreja Católica dedica a São José e de uma promessa que sua mãe fizera ao santo mobiliza os meios informativos da Galiza (por exemplo, “Paulo Coelho visitará”), da Espanha (“El Camino, una y no más”) e do Brasil (“Ana Maria Braga se encontra”).

Os efeitos da trajetória de Coelho em relação ao Caminho de Santiago e à cidade podem ser rastreados também no mesmo Brasil por outras vias. Com

³⁵ Em Moraes, 2008: 547 e ss. e 611-614 pode ver-se o conjunto de reconhecimentos internacionais, prêmios e volumes de vendas do escritor até esse ano.

independência de influências diretas ou não, o fato é que a sua elaboração em relação com o Caminho pode ter tido e estar tendo efeitos igualmente nos espaços (públicos) do Brasil, ao ter sido Coelho o grande vulgarizador moderno no seu país de origem; em 2003 nasceu no Brasil o Caminho da Fé, “inspirado no milenar Caminho de Santiago de Compostela (Espanha)”, “criado para dar estrutura às pessoas que sempre fizeram peregrinação ao Santuário Nacional de Aparecida, oferecendo-lhes os necessários pontos de apoio [“Caminho da Fé”]. “A ideia da sua criação ocorreu após um dos organizadores percorrer por duas vezes o conhecido caminho espanhol. Imbuído do propósito de criar algo semelhante no Brasil, convidou alguns amigos aos quais expôs seus planos, tendo recebido pronta acolhida dos mesmos”. Em diferentes pontos do Brasil foram constituídas associações de peregrinos vinculados ao Caminho de Santiago (“Links interessantes”). Em 2006 foi criada a Associação Brasileira dos Amigos do Caminho da Luz, cuja inspiração é também a do Caminho de Santiago (chegam a usar a mesma sinalética de setas amarelas; vide “Caminho da Luz”), “uma rota de peregrinação de aproximadamente 200 km que pode ser percorrida a pé em 7, 8 ou 9 dias”.

Em 2014, o Caminho de Santo Antônio da Patrulha foi credenciado pelo Governo galego como o primeiro caminho preparatório oficial no Rio Grande do Sul para treino do Caminho de Santiago (“Santo Antônio da Patrulha inaugura”).

CONCLUSÕES

Parece claro que são necessários parâmetros precisos para definir com nitidez o que se entende por literatura mundial; é verdade que a sua conceituação pode ser difusa ou ambígua e, em todo o caso, pouco certa (fala-se de “literatura mundial” mas qual e como deve ser o grau de mundialização é o problema). A literatura mundial não pode ser um correlato linear de “literatura nacional” (termo que define o que é predominantemente entendido como textos e autoras/es da nação, uma vez delimitada esta); “literatura mundial” carrega uma apreciação valorativa e subjetiva, não objetivável (porque, de resto, se não, toda a literatura nacional é mundial; toda a literatura é mundial porque é *do mundo*). Nesse sentido, melhor

seria falar de literatura internacional, global ou suprassistêmica, termos mais precisos, ainda que com o mesmo problema de gradação e hierarquia que o anterior. Aceitando o caráter difuso do termo, “literatura mundial” passa a ser um conceito construído pela pessoa investigadora ou pela comunidade, uma convenção que funciona para indicar funcionamentos além das próprias fronteiras sistêmicas, ou, ainda melhor, intersistêmicas. E, por isso, falar de “sistema mundial” ou “campo mundial” é uma delimitação instrumental metodológica para determinar e construir o objeto; desse ponto de vista é plausível, como, em alguma medida, pouco rentável (são os fenômenos concretos os que se atendem e não as adscrições ou pertenças ao *mundial*).

Por outra parte, o estudo da literatura suprassistêmica pode atender os processos de internacionalização de produtos ou produtoras/es e o seu funcionamento, ou pode atender os temas e formas, os repertórios por melhor dizer, que funcionam internacionalmente. De algum modo, este segundo implica o primeiro e vice-versa. Visto do ponto de vista das literaturas nacionais ou, segundo as perspectivas a aplicar, do campo ou do sistema que funciona num espaço social determinado, e caso se quiser entender o funcionamento delas além do sistema de origem de maneira global, um programa dessas características deverá ter em conta definir e analisar os impactos e efeitos culturais e sociais, para os quais traduções, sistemas em que funcionam e número de vendas parecem parâmetros indiscutíveis. Alargadamente, esse componente de planejamento é perfeitamente detectável em vários artigos dedicados à literatura brasileira no quadro da literatura mundial (por exemplo, no número dedicado à questão pela revista *Brasil/Brazil* [50, 2014], em artigos como os de Earl Fitz, Lúcia Helena, Arnaldo Saraiva ou Renata R.M. Wasserman [2014], o qual ratifica, por sua vez, o período especialmente emergente nesse quadro da literatura brasileira e o seu paralelo com as iniciativas públicas e privadas de internacionalização no país.

Esses efeitos e impactos podem abrir também uma dimensão forte a esse estudo caso se analisarem da perspectiva da marca-país ou dos efeitos que essa circulação e recepção de textos e autores podem ter em diversos espaços geo-culturais e geo-humanos. É nesses sentidos que a análise do caso de Coelho pode dar frutos importantes quanto à produção de conhecimento relevante. Como tive

oportunidade de notar noutro trabalho (Torres Feijó, 2014c), no caso da obra de Coelho estamos perante a literaturização e uso modelar de uma rota, em vários níveis e com diversos efeitos em grupos sociais ou comunidades de alargado alcance internacional; e perante fabricações de ideias sobre aspectos da vida e sobre os lugares referenciados; igualmente, perante uma derivada importante de planeamento que podem desenvolver agentes vinculados ou afetados, no caso, na cidade ou no Caminho de Santiago. Esses fenômenos podem ser objeto dum programa dedicado à literatura mundial verdadeiramente frutífero, que tente estudar como esses textos e trajetórias repercutem nas pessoas e nas comunidades, de origem e muito particularmente, de destino. *Best-seller* e o seu caráter informativo e misterioso sobre lugares podem ajudar.

Pode isso ser encaixado num programa de estudo de literatura mundial? É relevante? Voltando a perguntas anteriores: de que falamos quando falamos de literatura mundial? De quantas coisas falamos? Podemos incorporar as dimensões de olhares e impactos e os seus efeitos nos usos e consumos sobre comunidades focadas? Comunidades receptoras, comunidades focadas nos textos, comunidades de origem e destino?

Naturalmente, a minha resposta é positiva e acho que essa linha de trabalho é relevante e deitará luz sobre ângulos pouco explorados. Talvez, o que eu julgo ser um alargamento do campo fruto da crise de (ao menos, determinados) estudos literários, abra uma boa oportunidade para estudar dimensões de diversos níveis dos fenômenos literários, entre eles espaços e comunidades sob os pontos de vista antes enunciados. No caso concreto com que a exemplifiquei, tem bastante valor podermos conhecer as razões do impacto de Paulo Coelho e os seus efeitos, porque, aliás, esse conhecimento permitirá definir melhor a cartografia que a literatura brasileira desenha no quadro supranacional (campo mundial?) no mundo e compreender melhor posições, funções e interdependências dos agentes em foco. Perder isto é perder muito conhecimento para o assunto que nos ocupa.

O presente assunto pode ser focado doutro ponto de vista: quais as presenças e os contributos da obra de Paulo Coelho à literatura mundial? Quais os contributos em termos de circulação da literatura brasileira? Quais os contributos

ao reforço e à consolidação duma linha temática e de procedimento de elaboração de romances que hoje constituem best-sellers no mundo, no quadro dos repertórios, de formas e conteúdos em que a questão da literatura mundial a um modo de ler pode ser colocada?

Naturalmente, deve existir liberdade em muitas instituições para selecionar objetos de estudo e corpora, e uma tendência a atender ou elementos canonizados ou de pouca relevância, negligenciando outros que dariam muita informação, também sobre processos de canonização e marginalização. E, nesse sentido, quisemos aqui deixar evidências desse percurso. Quer dizer, as principais presenças da literatura brasileira na literatura mundial, ao menos em termos quantitativos (número de traduções) quanto a temas e a sua circulação são as obras de Coelho ou Jorge Amado; e se, cada vez mais, as fronteiras entre os campos de produção restrita e de grande produção estão mais diluídas (ainda que o que realmente se dilui são as legitimidades, que se dispersam e estendem, os seus possuidores e o próprio entendimento do que é a consagração literária³⁶) e as possibilidades de impor como legítimas essas fronteiras por parte dos agentes do primeiro dos campos cada vez são menos aceites, socialmente e mesmo dentro do campo (o caso da ABL é um bom indício), convirá revisar, por sua vez, a legitimidade da seleção dos objetos e estudo ou, no seu caso, justificar as escolhas realizadas para a análise em termos de relevância suficiente. E, seja como for, um programa de análise da literatura brasileira no quadro mundial terá que ter em conta as hierarquias estabelecidas pelos impactos e saber medi-los.

Certamente, por trás de todo este percurso, subjaz no meio académico dedicado aos estudos literários questões de cânone e de legitimação. Coelho está fora do cânone académico, não como autor menor ou esquecido, mas marginalizado. Num âmbito de identificação entre corpus e *scholar* e onde o capital

³⁶ Certamente, podemos falar de dois tipos de campo literário mundial, tendo em vista o seu funcionamento, como acontece com os campos literários nacionais: o da produção restrita (delimitado e protegido pelos pares, as universidades e os académicos em geral e, alargadamente, os agentes vinculados a esse mercado e receptores desses textos); e o da grande produção, definido pelo seu sucesso internacional de vendas; mas convém ver como funciona, igual e progressivamente, a diluição de fronteiras aludida, com o trânsito de autores centrais no campo da grande produção para objeto académico, o que significará, não tanto uma entrada daqueles no campo de produção restrita como uma legitimação do da grande produção e da heteronomia a ele associada.

simbólico do corpus pode prover de capital simbólico à pessoa que estuda em caso de sucesso acadêmico, a obra de Paulo Coelho é só atrativa para ser criticada. Mas, se os meios acadêmicos superarem os seus preconceitos e as doxas do campo, partindo do caráter radicalmente histórico do seu funcionamento, da qualidade como uma produção de valor (não intrínseco) e do gosto como construção social, provavelmente se abram profícuas linhas de pesquisa. A questão não é, como acontece, crer no funcionamento dos campos artísticos, se a análise e o estudo de assuntos de um campo produzem simbioses do campo artístico e do campo dos estudos artísticos, por exemplo; se estudar um produto é elevá-lo à categoria relevante ou colocá-lo como representante desejado duma cultura. Sentir-se ou não representados por, por exemplo, a obra de Paulo Coelho, não está em jogo. E parece útil desde os denominados “Estudos Literários” abandonar ao menos a confusão entre estudo e crítica, e crítica e potencial *métier* de (de-)consagração ou (de-s)legitimação, para centrar-se em produzir conhecimento novo e relevante⁰

Seja como for, parece razoável pensar na utilidade do estudo dum fenômeno, real e certo, da literatura mundial como Paulo Coelho, para entender como funcionam, também, as representações e os processos literários mundiais ou de largo alcance.

O alargamento do campo de jogos é também expressão (ou isso parece ser uma das razões da sua consideração) da procura de fatores e fenômenos de maior relevo e importância: de poder delimitar com maior abrangência o impacto de autores e obras e a consideração daqueles e destas no quadro internacional; de aumentar o campo para aumentar o relevo; este pode ser medido de várias maneiras, algumas difíceis de mostrar (por exemplo, influência em outros autores e textos); outras, produto dos gostos e interesses de determinados setores do campo (caso das invocações de qualidade e valor); mais algumas, de interesse caso se estudarem autores e textos e a sua relação com as visões e ideias que podem transmitir, também relativas ao espaço e sociedade originários dos autores ou às tratadas nos textos; mas parece que um critério firme é a atenção prestada pelos públicos de diversas línguas e países através das traduções: um critério quantitativo e qualitativo que deveria ser basilar no programa de estudos da literatura mundial e que parece negligenciado; provavelmente, porque vai contra os interesses pessoais e

de grupo das pessoas promotoras ou vinculadas do ponto de vista acadêmico. Sair da trincheira protetora do campo de produção restrita, se quisermos estudar coisas relevantes e como elas funcionam, pode ser útil.

Em geral, não parece correto atribuir à tradução como fato em si e às suas lógicas simbólicas a determinação, simbólica também, de universalidade ou de pertença a um eventual sistema mundial (com as marcas de prestígio-qualidade legitimado que isto pode portar), porque existem *aduanheiros* que pretendem restringir simbolicamente direitos de entrada e de pertença. Obviamente, perante casos como o de Coelho ou Amado e tantos outros, não podemos coincidir com Pascale Casanova quando afirma (1999:188) que “La traduction est la grande instance de consécration spécifique de l'univers littéraire”. Nessa afirmação operam várias restrições que a invalidam, entre as quais: a posição e o funcionamento do produto no campo de produção restrita e o caráter “específico” da consagração; a questão das línguas e sistemas concretos em que a tradução funciona; o poder e o seu exercício de consagração ou “desconsagração” dos diversos agentes envolvidos, etc. A elas deve acrescentar-se a posição de partida: isso é assim porque se parte duma visão intrinsecamente elitista da cultura, visão que é autolimitada sem ter necessidade de explicar-se nem de explicá-la.

Em minha opinião, no campo da literatura mundial convirá reflexionar sobretudo sobre os agentes que tentam continuar controlando linhas divisórias as quais lhes garantem não a funcionalidade social das suas divisões (cada vez menos) e ainda as suas posições; e atender os efeitos sociais dos textos literários e dos seus autores; o funcionamento da atividade literária como proposta ou formulação de ideias sobre espaços e comunidades, sobre motor ou incentivo de viagem ou repertório de visita, virtual ou real; e de autores e tomadas de posição de autores como veículos de ameaça ou aliança para as comunidades referenciadas. E, disso, as ações de planejamento que agentes diversos queiram desenvolver. E a isto tudo convida ou pode desafiar a obra de Paulo Coelho e a sua trajetória.

Obras citadas

“656 livros encontrados” para: Autor ou título: +paulo (200.652) +coelho (30.466) +diario (25.807) +de +um +mago (2010) *Estantevirtual*. www.estantevirtual.com.br/q/paulo-coelho-diario-de-um-mago/. Acesso em 21 de setembro de 2010.

“A Minha vida”, <http://paulocoelhoblog.com/2013/06/14/minha-vida-em-750-gb-3/>

“Academia Brasileira de Letras”. Membros.
<http://www.academia.org.br/academicos/membros>. Acesso em 21 de setembro de 2015.

ABUÍN, Anxo. Dimensões teórico-críticas do novo comparatismo. In: CASAS, Arturo (ed.). *Elementos de crítica literaria*, Vigo, Xerais, 2004. p. 103-127.

AGENCIA LITERARIA S. JORDI ASOCIADOS. The Alchemist. <http://www.santjordi-asociados.com/books/novels/alchemist>. Acesso em 1.º de abril de 2015.

AGENCIA LITERARIA S. JORDI ASOCIADOS. The Pilgrimage. <http://www.santjordi-asociados.com/books/novels/pilgrimage>. Acesso em 1.º de abril de 2015.

“Albergue de peregrinos”. In:
http://www.caminhodesantiago.com.br/albergue/paulo/paulo_coelho.htm. Acesso em 1.º de abril de 2015.

“Ana Maria Braga se encontra”, <http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/So-na-web/noticia/2015/03/ana-maria-braga-se-encontra-com-paulo-coelho-em-santiago-de-compostela.html>. Acesso em 1.º de abril de 2015.

ANDRADE, Janilto. *Por que não ler Paulo Coelho*. Rio de Janeiro, Ed. Caliban, 2004.

“Artigo sobre o Brasil divide”. In:
http://www.bbc.com/portuguese/forum/story/2004/04/printable/040412_brasilimagemdi.shtml. Acesso em 1.º de setembro de 2015.

BELLO VÁZQUEZ, Raquel. Measuring Identity Indicators of Comparison of Real and Fictional Discourses on a Cultural Heritage. In: RICCI, Gabriel. *Travel, Tourism and Identity*. New Brunswick (U.S.A.) and London (U.K.): Transaction Publishers, 2015. p.127-142.

BIJOS, Leila. A diplomacia cultural como instrumento de política externa brasileira. *Diálogos: a cultura como dispositivo de inclusão*, Brasília, v.13, n.1, p. 33-53, ago. 2010. Artigo reproduzido em 2014 em <http://blogs.fco.gov.uk/speakerscorner/pt-br/2014/01/03/a-relevancia-da-diplomacia-cultural-brasileira-guest-blog-por-leila-bijos/>. 2010.

BLOOM, Harold. *The Western Canon: The Books and School of the Ages*. New York: Harcourt Brace & Company, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 89, p. 3-8, Sept. 1991.

“Brasil é só” Samba, Carnaval e Futebol? In:
<https://www.youtube.com/watch?v=7jqg8hEipZs>. Acesso em 15 setembro de 2015.

CAMACHO, Marcelo. O planeta Paulo Coelho. Especial *Veja*. 1998.
veja.abril.com.br/150498/p_094.html. Acesso em 21 de Setembro de 2010.

“Caminho da Fé”, <http://caminhodafe.com.br/caminho.swf>. Acesso em 1 de abril de 2015.

“Caminho da Luz”, <http://www.caminhodaluz.org.br/>. Acesso em 1 de abril de 2015.

CASANOVA, Pascale. *La république mondiale des lettres*. Paris: Éditions du Seuil, 1999 (2008²).

“Cerca de 900 mil turistas”. In: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/cerca-de-900-mil-turistas-estiveram-no-carnaval-do-rio>. Acesso em 15 setembro de 2015.

CLAUDINO, Mariana ; ALZER, Luiz André. *Almanaque anos 80*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2004.

COELHO, P. *Diário de um mago*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

COELHO, P. Discurso de Posse, <http://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/discurso-de-posse.2002>.

COELHO, P. *El peregrino de Compostela*. Barcelona: Planeta, 2010.

COELHO, P. *O alquimista* <http://www.sjt.com.br/tecnico/gestao/arquivosportal/o-alquimista-paulo-coelho.pdf>, s.d.

COELHO, P. *O alquimista*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 1988.

COELHO, P. *O diário de um mago*. clubedasbruxas.webcindario.com/O_Diario_de_um_Mago.pdf. 2001b. Acesso em 21 de setembro de 2010.

COELHO, P. *O diário de um mago*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2001a.

COELHO, P. *The Alchemist*. New York: HarperOne Publishers, 2014.

COELHO, P. *The pilgrimage: a contemporary quest for ancient wisdom*. New York: Harpercollins Publishers, 2008.

COELHO, P. *O diário de um mago*. Disponível em: http://clubedasbruxas.webcindario.com/O_Diario_de_um_Mago.pdf. Acesso em 5 de abril de 2014.

COELHO, P. *O diário de um mago*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CORTIZAS LEIRA, Antia. *Da literatura à cultura. Textos literários, guias turísticos e visitas reais na conformação de ideias na sociedade brasileira. Hipóteses e primeiros resultados*. 2008. Trabalho de Investigação Tutelado pelo Prof. Torres Feijó, Elias J., para a obtenção do Diploma de Estudos Avançados no Programa de Doutorado de Teoria da Literatura e Literatura Comparada, Universidade de Santiago de Compostela.

CUIÑA, S. Santiago me cambió la vida. *El Correo Gallego*, 23/6/2008. www.elcorreogallego.es/santiago/ecg/santiago-cambio-vida/idEdicion-2008-06-23/idNoticia-31604. Acesso em 21 de Setembro de 2010.

DAMROSCH, David, ALLISTON, April et al. (Eds). *The Longman Anthology of World Literature*. New York: Pearson Longman, 2004. 6 v.

DAMROSCH, David. *What is world literature?* Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2003.

DAVID, Jérôme. Propositions pour une macrohistoire de la littérature mondiale. In: PRADEAU, C.; T. Samoyault (Dir.). *Où va la littérature mondiale?* Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 2005. p. 115-138.

DAVIS, Paul; CRAWFORD, John F., et al. (Eds). *The Bedford Anthology of World Literature*. New York: Bedford;St. Martin's, 2004. 6 v.

DINIZ, Leandro Rodrigues Alves. *Política linguística do Estado brasileiro na contemporaneidade: a institucionalização de mecanismos de promoção da língua nacional no exterior*. 2012. Tese (Doutorado) -- UNICAMP. In: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000876149>, Acesso em 1º. de setembro de 2015.

DOMÍNGUEZ PRIETO, César. Literatura mundial en /desde el Castellano. *Ínsula*, n. 787-788, p. 2-6, 2012.

EBLE, Leticia Jensen. A literatura brasileira e a permanência do cânone na academia. *Revista Observatório Itaú Cultural*, v. 1, p. 142-153, 2014.

“Editora alemã reúne”. In: <http://www.dw.com/pt/editora-alem%C3%A3-re%C3%BAno-em-antologia-contos-brasileiros-sobre-futebol/a-17054393>

“El Camino, una y no más”, *El País*, 20/03/2015, http://cultura.elpais.com/cultura/2015/03/20/actualidad/1426851110_279034.html. Acesso em 1º. de abril de 2015.

“Estrangeiros pensam”. In: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20101001112447AAnrMRZ>. Acesso em 15 de setembro de 2015.

“European Commission”, http://europa.eu/rapid/press-release_IP-07-1842_en.htm?locale=en. 2007.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Papers in Culture Research*. Tel Aviv: Unit of Culture Research;Tel Aviv University, 2010. Disponível em: http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005_2010.pdf. Acesso em 5 de abril de 2014.

“Facebook- Paulo Coelho”. https://www.facebook.com/paulocoelho/info?tab=page_info. Acesso em 1º. de abril de 2015.

“Feira de Frankfurt mudou”. In: <http://www.dw.de/feira-de-frankfurt-mudou-imagem-do-brasil-no-exterior-dizem-organizadores/a-17154071>. 12/10/2013. Acesso em 15 de setembro de 2015.

FITZ, Earl. Goethe's 'Weltliteratur' and the World of Lusophone Letters: The Case of Brazil. *Brasil/Brazil*, v.27, n. 50, p. 13-47, 2014.

FOREIGN OFFICE BLOGS: <http://blogs.fco.gov.uk/>

“Fundação Paulo Coelho”, <http://paulocoelho.com/foundation/index-paulo-coelho.php>. Acesso em 1º. de abril de 2015,

FUTURE BRAND. Country Brand Index Latinoamérica 2013; http://www.futurebrand.com/images/uploads/studies/cbi/CBI_Latinoamerica_2013_Espanol.pdf, 2014.

FUTURE BRAND. FutureBrand Launches the 8th, Annual Country Brand Index; <http://www.futurebrand.com/news/futurebrand-launches-the-8th-annual-country-brand-index>. 2014.

FUTURE BRAND. The future Brand Country Brand Index; <http://www.futurebrand.com/cbi/2014%20posto%2043>. 2014.

GABRIANOWSKI. The 21 Best-selling Books of All Time. 19 December 2011. In: *HowStuffWorks.com*. <http://entertainment.howstuffworks.com/arts/literature/21-best-sellers.htm>, 24 October 2014. Acesso em 15 de setembro de 2015.

GOMES GERMANO, Patrícia. Jorge Amado: romancista de trinta e/ou escritor de utopias? *Hispanista*, v. 13, n. 51, oct.–nov.–dic. 2012. <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/410.pdf>. Acesso em 12 de outubro de 2015.

GUEDES, Luciana. Autores brasileiros publicados na Espanha entre 2000 e 2010. In: DALCASTAGNÈ, Regina ; AZEVEDO, Luciene (Coords.). *IV Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea: configurações do espaço*. Fórum dos Estudantes. Brasília - 17 a 19 de junho de 2013. Grupo de Estudos em literatura brasileira contemporânea/ Departamento de Teoria Literária e Literaturas; http://www.gelbc.com.br/pdf_anais_forum_estudantes/anais_forum_estudantes_2013_completo.pdf

GUERREIRO, Carmenn; PEREIRA JUNIOR, Luiz C. O valor do idioma. *Língua*, dez. 2011. <http://revistalingua.com.br/textos/72/o-valor-do-idioma-249210-1.asp>. Acesso em 15 de setembro de 2015.

HART, Stephen M. Cultural Hybridity, Magical Realism, and the Language of Magic in Paulo Coelho's *The Alchemist*. *Romance Quarterly*, v. 51, n.4, p. 304–12, 2004.

HELENA, Lúcia. A internacionalização dos pobres na agenda globalizada: uma reflexão em torno do intelectual escritor no mercado multicultural. *Brasil/Brazil*, v.27, n. 50, p. 48-71, 2014.

“Himno”, <http://www.diocesisdelugo.org/caminodesantiago/claves/himno>. Acesso em 1º. de abril de 2015.

“Instituto Paulo Coelho”, <http://paulocoelho.com.br/instituto-paulo-coelho/>

KADIR, Djelal. Literatura mundial y literatura latinoamericana, *Ínsula*, n. 787-788, p.19-23, 2012.

“La credencial del peregrino”, <http://peregrinosantiago.es/esp/peregrinacion/la-credencial/>. Acesso em 1º. de setembro de 2015.

Links interessantes, <http://www.santiago.org.br/links-interessantes.asp>. Acesso em 1º. de abril de 2015.

“List of the best-selling books” of all time in <http://www.ranker.com/list/best-selling-books-of-all-time/jeff419>. Acesso em 15 de setembro de 2015.

“Livro conta a história”, <http://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo-2014/livro-counta-a-historia-dos-100-anos-da-selecao-brasileira-07062014>. Acesso em 15 setembro de 2015.

LOURES, Carlos. Jorge Amado. *Vidas Lusófonas*.2014. http://www.vidaslusofonas.pt/j_amado.htm. s.d. Acesso em 14 de abril de 2014.

MAESTRI FILHO, Mário José. *Por que Paulo Coelho teve sucesso*. Porto Alegre: AGE Editora, 1999.

MELLO, M. S. *Como se faz um clássico na literatura brasileira? Análise da consagração literária de Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz (1930-2012)*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

MIGNOLO, Walter. Literatura comparada, literatura mundial y decolonización. *Ínsula*, n. 787-788, p. 26-29, 2012.

MORAES, Dênis de. Palavras parabólicas: o mercado editorial na era da mundialização. 1999. In: *revistabrasil.org/revista/artigos/denis.htm*. Acesso em 21 de Setembro de 2010.

MORAIS, Fernando. *O mago*. São Paulo: Planeta, 2008.

MORETTI, Franco. Conjectures on World Literature. *New Left Review*, n. 1, p. 54–68, 2000.

MORETTI, Franco. *Opere mondo: Saggio sulla forma epica dal Faust a Cent'anni di solitudine*. Torino: Einaudi, 1994.

NETTO, Carmo G. Um novo lugar para o português?, *Jornal da UNICAMP*, 24 de setembro de 2012 a 30 de setembro de 2012. v. 2012, n. 539. <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/539/um-novo-lugar-para-o-portugues>. Acesso em 15 de setembro de 2015.

“Nomes consagrados”, <http://www.dw.de/nomes-consagrados-e-novos-autores-v%C3%A3o-representar-o-brasil-em-frankfurt/a-16673040> 14/03/2013. Acesso em 15 setembro de 2015.

NYE, Joseph. *American power*. New York: Basic Books, 1990.

NYE, Joseph. *Soft power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.

“O Diário de um Mago”. Wikipedia. pt.wikipedia.org/wiki/O_Di%C3%A1rio_de_um_Mago. Acesso em 21 de Setembro de 2010.

O’NEILL, Jim. Building Better Global Economic BRIC. *Global Economics Paper*, n. 66, 2001. <http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/build-better-brics.pdf>. Acesso em 15 setembro de 2015.

“ONU nomeia” Paulo Coelho Mensageiro da Paz, g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,MUL108392-7084,00.html, 21/09/2007. Acesso em 21 de Setembro de 2010.

“Paulo Coelho boicota”, <http://www.dw.de/paulo-coelho-boicota-feira-de-frankfurt-e-critica-governo-brasileiro/a-17138330>. Acesso em 21 de junho de 2015.

“Paulo Coelho cancela”, <http://oglobo.globo.com/cultura/paulo-coelho-cancela-participacao-na-feira-de-frankfurt-10250775#ixzz3biLUziXF>. 2013. Acesso em 14 de abril de 2014.

“Paulo Coelho e o Caminho de Santiago”, <https://vimeo.com/67641971>. Acesso em 1º. de abril de 2015.

“Paulo Coelho se diz decepcionado”, UOL Copa, 19/05/2014, MUndohttp://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/19/paulo-coelho-se-diz-decepcionado-com-copa-e-detona-ronaldo-imbecil.htm. Acesso em 1 de setembro de 2015.

“Paulo Coelho visitará”, *El Correo Gallego*, 19/03/2015, <http://www.elcorreogallego.es/santiago/ecg/paulo-coelho-visitara-xoves-santiago-celebrar-san-jose-cada-ano-pasa-nun-pais-diferente/idEdicion-2015-03-19/idNoticia-921888/>. Acesso em 1 de abril de 2015.

“Paulo Coelho. Guerreiro da Luz Online”. Em www.warriorofthelight.com/port/autor.shtml. 2007. Acesso em 21 de setembro de 2010.

“Paulo Coelho: Minha busca espiritual passa por um questionamento diário”. *Época*, 24/07/2010. <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI157546-15220,00.html>. Acesso em 1 de abril de 2015.

PINHEIRO FILHO, F. A. A recusa acadêmica em entender Paulo Coelho. *Folha de São Paulo*, 20/01/2013 <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/01/1217251-a-recusa-academica-em-entender-paulo-coelho.shtml>. 2013.

PINHEIRO FILHO, F. A. O rei do outro polo: Paulo Coelho na literatura brasileira. In: MICELI, Sergio ; PONTES, Heloisa (Orgs.). *Cultura e sociedade: Brasil e Argentina*. São Paulo: Edusp, 2014. v. 1, p. 241-268.

RETO, Luís Reto. *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Alfragide : Texto, 2012.

RODRÍGUEZ GÓMEZ, J. *Fazer (-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal. Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*. Sada: Ed. do Castro, 2002.

RUFFATO, Luiz. *Entra as quatro linhas*. São Paulo: DSOP, 2013.

RUFFATO, Luiz. Discurso na Cerimônia de Abertura da Feira do Livro de Frankfurt em outubro de 2013. [Luiz Ruffato speech at the Opening Ceremony of the Frankfurt Book Fair 2013] in https://www.facebook.com/luizruffato/notes?ref=page_internal e https://www.youtube.com/watch?v=tsqczIX5_6E. 2013a.

“Santo Antônio da Patrulha inaugura”, *ZH Viagem*, 16/10/2014. <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/viagem/noticia/2014/10/santo-antonio-da-patrulha-inaugura-replica-do-caminho-de-santiago-de-compostela-4620034.html>. Acesso em 1 de setembro de 2015.

SANTOS UNAMUNO, Enrique. Weltliteratur o literatura sobre el mundo?. Entre lo geoliterario y lo cartográfico. *Ínsula*, n. 787-788, p. 6-9, 2012.

SAPIRO, Gisèle ; HEILBRON, Johan. La traduction comme vecteur des échanges culturels internationaux. In: SAPIRO, G. (Dir.). *Translatio: Le marché de la traduction en France à l'heure de La mondialisation*. Paris: CNRS Éditions, 2008. p. 25-44.

SAPIRO, Gisèle (Coord.). *Translatio. Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS Éditions, 2008.

SAPIRO, Gisèle. Mondialisation et diversité culturelle: les enjeux de la circulation transnationale des livres. In SAPIRO, Gisèle (Dir.). *Les contradictions de la globalisation éditoriale*. Paris : Éditions Nouveau Monde, 2009. p. 275-302.

SARAIVA, Arnaldo. Uma visão geral e parcial da literatura brasileira. *Brasil/Brazil*, v.27, n. 50, p. 72-80. 2014.

SZABOLCSI, Miklós ; VADJA, György M. (Eds). *Neohelicon*, v.20, n. 2, 1993.

“The pilgrimage”. Wikipedia. en.wikipedia.org/wiki/The_Pilgrimage. Acesso em 21 de setembro de 2010.

THOMSEN, Mads. R. *Mapping World Literature. International Canonization and Transnational Literatures*. London: Continuum, 2008.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais. In: ABUÍN, Anxo ; TARRÍO, Anxo (Coords.): *Bases Metodológicas para una Historia Comparada das Literaturas da Península Ibérica*. Santiago de Compostela: USC, 2004.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Discursos contemporâneos e práticas culturais dominantes sobre Santiago e o Caminho: a invisibilidade da cultura como hipótese. In: LOURENÇO, António Apolinário; SILVESTRE, Osvaldo Manuel (Coords.). *Literatura, espaço, cartografias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011. p. 391-449.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Interesses culturais e âmbitos receptivos em dous romances sobre o Caminho de Santiago: Frechas de Ouro e O Enigma de Compostela. *Romance Notes*, v. 52, n. 2, pp. 135-149, 2012.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Historiar e comparar literatura como meio e análise de comunidades. Espaços literaturizados como exemplo e proposta. *Letras de Hoje, História da Literatura e Comparatismo*, v. 49, n.4, pp. 434-445, 2014a.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Estudos da literatura e da cultura no âmbito da língua portuguesa e diplomacia da cultura: carências e possibilidades. *Signótica Especial*, jan.-jul., p. 161-181, 2014b.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Autor, texto e espaço geo-cultural mediatizado. In: QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita (Orgs). *Lit&Tour: Ensaios sobre literatura e turismo*. Lisboa: Edições Húmus, 2014c. p. 291-310.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Identity Sustainability, Identity Affectivity, and the Ithaca Traveler: Conceptual Tools for Measuring and Modeling Tourism as an Opportunity. In: RICCI, Gabriel. *Travel, Tourism and Identity*. New Brunswick (U.S.A.) and London (U.K.): Transaction Publishers, 2015. p.143-162. 2015b.

UNESCO. Dialogue among civilizations. portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=37084&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. s.d.b. Acesso em 21 de setembro de 2010.

UNESCO. Key publications. www.unesco.org/new/en/education/themes/education-building-blocks/literacy/resources/key-publications/. S.d.c. Acesso em 21 de setembro de 2010.

VALDÉS, Mario J. Literatura comparada o literatura mundial en inglés: diálogo internacional o imperialismo cultural? *Ínsula*, n. 787-788, p. 9-12, 2012.

VILLARINO PARDO, M. Carmen. As feiras internacionais do livro como espaço de diplomacia cultural. *Brasil/Brazil*, v.27, n. 50, p. 134 – 154, 2014b.

VILLARINO PARDO, M. Carmen. Vender libros dentro y fuera de Brasil. El caso de Jorge Amado. In: RIVAS HERNÁNDEZ, Ascensión. *Jorge Amado. Relectura en su centenario*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2013. p. 259-269.

VILLARINO PARDO, M. Carmen. O espaço do sistema literário brasileiro contemporâneo nos intercâmbios culturais transnacionais. In: DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene (Orgs.). *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2014a.

WASSERMAN, Renata R. Mautner. Brasil in translation or who reads a Brazilian book? *Brasil/Brazil*, v.27, n. 50, p. 81-104. 2014.

“We Read”. O Diário de um Mago (Portuguese edition). (s.d.)
wereal.com/book/9727110800/O+Diario+De+Um+Mago+%28Portuguese+Edition%29/FBK-9727110800_-1. Acesso em 21 de setembro de 2010.

ZILBERMAN, Regina. Desafios da literatura brasileira na primeira década do século XXI. In: SILVA, João Amadeu Carvalho da; MARTINS, José Cândido; GONÇALVES, Miguel (Orgs.). *Pensar a literatura no séc. XXI*. Braga: Alethea; Associação Científica e Cultural, 2011. p. 575-586.

ZILBERMAN, Regina. Cânone literário e história da literatura. *Organon*, Porto Alegre, v.15, n. 30-31, p. 33-38, 2001.

Elias J. Torres Feijó (Tui, 1964) é Professor de Literaturas de Língua Portuguesa e Metodologia da Análise da Literatura e da Cultura na Universidade de Santiago de Compostela. Diretor do Grupo Galabra, foi Prêmio Extraordinário de Doutoramento (1996) com a tese *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias. 1900-1936*. É autor de inúmeras publicações sobre literatura portuguesa e galega contemporâneas, metodologia e análise da Cultura e da Literatura e relações Galiza-Portugal. Foi vice-reitor da USC (2006-2009) e Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas. Entre seus livros estão *Lisboa, passagem de poetas e escritores estrangeiros / Destination Lisboa: The city seen through the eyes of visiting writers* (2000); *Camilo Castelo Branco, campo literário português e A Brasileira de Prazins* (2003); *O legado do último Camilo Romancista e a (auto-) cilada Realista* (2011).

Artigo recebido em 13/12/2015. Aprovado em 20/12/2015.